

A VOZ DE MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTONIO VAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 35\$00 - Estrangeiro 75\$00 * ANO XXIII - N.º 434 - Melgaço, 1 de Outubro de 1969 * Tip. Augusto Costa & C.a, L.da - Tolel. 22455 - Braga

Pelo Hospital e Lar de S. José

Nós e o Sr. Dr. Esteves...

Não podemos mais...

Temos tudo cheio...

De fora, vieram 50 doentes...

Parturientes, 3...

Uma grande época de trabalho...

Nós e o Sr. Dr. Esteves — Infelizmente, não eram de amizade as nossas relações, com o Sr. Dr. Esteves, ilustre Director clínico do hospital de Melgaço, antes da nossa entrada nesta Casa como provedor. Infelizmente. Não frequentávamos o hospital, indo ali só algumas vezes. Informações? — Só aquelas que nos eram fornecidas em roda de amigos. E não fomos, infelizmente, superior a elas.

Mas, por força das circunstâncias, tivemos que ir para o hospital, na qualidade de provedor. Foram cerca de dez anos de convivência com o Sr. Dr. Esteves. Tivemos momentos muito delicados e difíceis: — saída das irmãs, novas enfermeiras, que não apareciam, etc., etc. Pois, de todos esses longos anos de convivência, é grandemente positiva a sua colaboração. Devemos-lhe muito. Por isso, um dos mesários alvitrou já se fizesse pública homenagem ao Sr. Dr. Esteves. Bem a merece.

Não podemos mais — Temos alguns pedidos mais para se internarem no Lar de São José, algumas pessoas, carecidas de protecção e amparo. Para mulheres, não temos mais lugares; para homens, restam alguns. Para os da terra, no entanto não faltarão lugares. Tem vindo para esta Casa alguns pobres de fora. Ali estão um de Trás os Montes e, de Barcelos, uma cegueira. Há dias, pediu-nos a sua entrada um mendigo, do concelho dos Arcos. Do seu tratamento ali, basta dizer-se que nas principais refeições diárias, eles tem presigo e vinho. Este, por vezes, no fim do ano, falta. Mas eles são tantos...

No hospital — Foram 50 os doentes de fora do concelho que nos procuraram, para socorro, no Banco, em 11 meses. Cinquenta. Na Maternidade, foram socorridas 3 parturientes de fora do concelho, durante esse período de tempo. Sim, nós em Melgaço socorremos todos aqueles que nos procuram e sempre que temos lugares.

Na Maternidade — Num dos quartos particulares do Hospital de Melgaço, no passado dia 22, deu à luz um menino, a sr.ª D. Maria Rosa da Conceição Tavares, dilecta esposa do sr. Tenente Tavares, muito digno Comandante da Guarda Fiscal, em Melgaço.

Aos pais os nossos parabéns e ao recém-nascido as melhores felicidades.

O Santo da quinzena

S. Miguel, Arcanjo

S. Miguel, Arcanjo, cujo nome significa «quem é como Deus?», segundo a Sagrada Escritura e a tradição da Igreja, é um dos sete espíritos assistentes ao trono do Altíssimo, portanto um dos grandes príncipes do céu e ministro de Deus, a quem o Criador conferiu poderes extraordinários, para a salvação dos eleitos. A Igreja venera em S. Miguel Arcanjo, um protector, e deseja que os fiéis o acompanhem nessa veneração e depositem no grande espírito angélico toda a confiança. Inimigo do orgulho e da mentira, S. Miguel defendeu vitoriosamente os direitos de Deus contra as arrogâncias de Lúcifer e de seus companheiros, precipitando-os no abismo. «Quem é igual a Deus?» era o lema de S. Miguel e dos Anjos bons, na luta contra os Anjos rebeldes. Estes foram derrotados e seu lugar não era mais no céu. Em muitos outros lugares a Bíblia faz menção do Anjo do Senhor. A S. Miguel é reservado um papel saliente no último combate, pois é o protector das almas justas e o defensor dos corpos destinados à eterna glória. Motiva esta disposição um facto, cuja descrição se encontra na epístola de S. Judas Tadeu. Moisés morrera e o demónio, pretextando o facto de Moisés ter morto um egípcio, disputou o cadáver do profeta. S. Miguel, porém, opôs-se-lhe e afugentou o demónio com as palavras: «O Senhor te reprima». A fé católica conclui daí que S. Miguel dispensa uma protecção especial aos moribundos e isto, muito de acordo com os dizeres do Ofício da festa do Arcanjo: «Eu te constitui como protector das almas, prestes a serem recebidas no céu».

P. S. — Do nosso generoso Benfeitor que há tantos anos nos envia, pontualmente, grande quantidade de géneros alimentícios e dinheiro, recebemos mais uma grande e generosa remessa que muito agradecemos, sobretudo, nesta hora, em que a vida se torna mais difícil.

— Também, para o nosso Lar de S. José, tem vindo generosas remessas enviadas por Benfeitores que não nos esquecem. E assim, da sr.ª D. Rosinha Meleiro, de Golães, que tantas vezes, à roda do ano, aqui nos manda ou traz pessoalmente boa remessa de carne e géneros alimentícios, mais uma, por ocasião da festa da Assunção.

— Idem, a nossa caseira, a sr.ª Ana, que tanto nos ajuda e como se não bastasse, nos entrega remessas de carne, como ainda nos fez há dias. E não é rica.

(Continua na 4.ª página)

Justa Homenagem

Não foi ainda dado nome à rua que vai ter às escolas da vila. Poder-se-ia aproveitar o ensejo para lhe ser posto o nome de um dos grandes homens de Melgaço e que tem dedicado toda a sua vida a servir o povo do Concelho?

No nosso entender podia ser-lhe posto o nome de Rua Dr. António Cândido Esteves.

Deixamos o caso à consideração das autarquias locais na esperança de que ao mesmo seja dado todo o interesse.

A gratidão é uma grande virtude. E Melgaço não deixará de ser grato.

(Continua na 4.ª página)

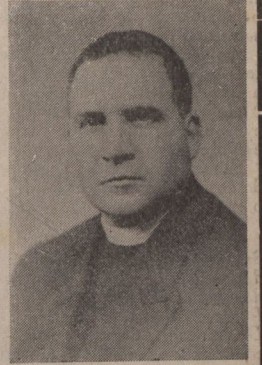
“À margem da “Humanae Vitae,”

É este o título do novo livro do Padre Júlio Vaz, Director de «A Voz de Melgaço» e que na segunda quinzena de Setembro entrou no mercado.

Mais do que comentários, os capítulos do livro dizem da sua utilidade: Decisão corajosa de Paulo VI; Por que só agora; Preparação da Encíclica; O zelo e a prudência da Hierarquia; A presença dos Teólogos; Tradição Doutrinal; Pio XII abre horizontes; A voz do Concílio; Paulo VI e a Ciência; A «Pílula» e a regulação dos nascimentos; Um debate de Teólogos... sobre «pílulas»; E surgiu a encíclica; Paternidade responsável; Regulação dos nascimentos; Para uma boa compreensão da encíclica; Reacções no Seio da Igreja.

O livro do Padre Júlio Vaz inclui, ainda, a encíclica «Humanae Vitae», a Declaração do Episcopado Belga e a Nota Pastoral do Episcopado Português.

É um estudo de apreciação da já discutida encíclica do Papa Paulo VI, «Humanae Vitae», e é um guia seguro para aquele que quiser entender a mesma encíclica.



“Carta ao Emigrante,”

Li há dias num jornal diário a notícia da desvalorização do franco. Pus-me a pensar nas consequências que isso acarretaria para vós em particular e para a nossa terra em geral e resolvi escrever-vos esta carta. Tem ela como objectivo tentar dar um futuro à vossa vida agora um bocado tremido como consequência da quebra da mo-

eda francesa. É natural que muitos de vós estejais atrapalhados e indecisos sobre o rumo que dareis à vossa vida. Estou certo que inúmeros de entre vós desejam voltar a Portugal pois reconhecem que a França já não é aquilo que era e portanto não desejam trabalhar para o «boneco». Paralelamente surge-vos o problema monetário. Pensais para vós: — Como é que nós conseguiremos ganhar dinheiro em Portugal sendo que na construção civil se ganha pouco e na lavoura menos ainda? Como conseguiremos sustentar a nossa família?

Rapazes, permitis-me que vos dê um conselho? — Vinde até Angola. Não, não estou a brincar. Vinde até Angola e aqui encontrareis terrenos à vossa espera, casa mobilada e pronta a receber-vos com uma quinta à volta, com água e luz e todas as comodidades modernas. O terreno, a casa e tudo o mais será vosso pois o nosso governo está a construir-las para todos aqueles que para cá queiram vir ajudar a onda de progresso por que esta nossa Província está a passar.

Não acrediteis em boatos que digam ser Angola dos terroristas. Eu sou tropa cá e sei como isto está. Os terroristas vivem

(Continua na 4.ª página)

Época de transcrições

A propósito da posse do Sr. Presidente da Câmara escreveu Notícias de Melgaço:

«Trabalhe, pois, confiadamente em favor da terra enquanto à sua volta se não mostra fato de invejosos, ou se não forma matilha de insatisfeitos ou alcateia de inimistados, pois duma e doutras coisas há-de levar atrás de si farta colheita no dia em que deixar este lugar: honroso mas pesado cargo para os ombros de qualquer pessoa».

Para a profecia ser perfeita faltou dizer, mas isso era inevitável, que quase todos sairiam dentre amigos!

* * *

A propósito da Mesa da actual Santa Casa escreveu:

«Por se tratar de pessoas de quem muito se espera, todo o Concelho vibrou de entusiasmo ao receber tal conhecimento. Estão de parabéns os pobres, os doentes e todo o concelho em geral».

Em que ficamos, Senhores?

P.º Carlos Vaz

No passado dia 16 de Setembro pediu a sua exoneração do cargo de Arcipreste de Melgaço, o nosso querido editor, após 25 anos de exercício do referido cargo.

Várias Notícias da Vila

P.º Justino Domingues — Soubemos pelos jornais de 19 de Setembro que foi nomeado arcipreste substituto de Melgaço, o querido pároco de Vila, sr. P.º Justino Domingues.

A nomeação foi muito bem recebida. Com ela nos congratulamos desejando ao querido amigo as maiores prosperidades no desempenho do seu novo cargo.

As suas belas qualidades foram postas em relevo em artigo publicado na «Voz de Melgaço» de 1 de Setembro, evocando os 25 anos de pároco e 33 de sacerdote.

Fazemos nossas as palavras de então que continuam a ter plena actualidade.

Médico do pessoal dos Serviços Bancários — O Sindicato Nacional dos empregados bancários do Distrito do Porto, acaba de nomear o sr. Dr. António Cândido Esteves como médico do pessoal bancário no Concelho de Melgaço.

Regoziamo-nos com a notícia e apresentamos ao caro amigo os nossos parabéns.

Dr. Alberto Domingues — Com óptima classificação, terminou o curso de Economia da Universidade do Porto, o nosso amigo e conterrâneo, sr. Dr. Alberto Domingues, filho do nosso estimado assinante, sr. Manuel José Domingues e da sr.ª D. Maria Rosa Fernandes Domingues.

Este nosso amigo, que todos conhecemos desde pequeno, seguiu todo o seu curso com boas classificações.

Por isso a seus pais, endereçamos-lhes os nossos parabéns, e ao novo Doutor um abraço de felicitações e que pela vida fora continue a ser um dos melhores, quer na vida particular, quer na vida profissional.

Dia da Guarda Fiscal — No passado dia 21, comemorou-se no Quartel da Guarda Fiscal, desta Vila o «DIA DA GUARDA FISCAL», da qual é patrono S. MATEUS.

As cerimónias constaram do seguinte programa:

Às 9 horas, izar da Bandeira Nacional, com guarda de honra prestada pelo pessoal disponível na parada fronteiriça ao quartel da Sede da Secção.

Às 10 horas, Palestra proferida pelo sr. Tenente Henrique Pereira Tavares, comandante da Secção, na Sala de Recreio das Praças do Posto de Melgaço.

Às 11 horas e 45 minutos, na Igreja Matriz, foi celebrada a Santa Missa, com homília, referente ao acto, pelo Rev. P.º Bento Silva, Pároco de PENSO, com guarda de honra prestada pelo pessoal da Corporação, e a todas as solenidades assistiram, além do pessoal da Corporação, as autoridades civis e militares da localidade e muito povo, especialmente familiares do pessoal da Guarda Fiscal.

Aproveitamos o acontecimento para saudarmos a Corporação da Guarda Fiscal que trabalha no nosso Concelho e o seu digno Comandante, sr. Tenente Tavares, que à causa da mesma, tem dedicado os melhores esforços.

Cumpridor emérito dos seus deveres de Comandante e respeitador dos subordinados, nunca algum deles, desgostoso ou desesperado, abandonou a farda.

Os nossos parabéns e que o possamos ver entre nós por muito tempo.

D. Maria Helena Duarte Ribeiro Lomba — De visita à sua família esteve nesta vila, acompanhada de seu filho Pedro Manuel, a nossa conterrânea, sr.ª D. Maria Helena Duarte Ribeiro Lomba, esposa do sr. Arquitecto Silvestre Lomba, residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

José Bruno Domingues — Acompanhado de sua Esposa, sr.ª D. Carlinda Sílvia Pires Domingues e filha, tivemos o prazer de ver nesta Vila, de visita à sua família o nosso amigo, sr. José Bruno Domingues, conceituado comerciante e Armazenista em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

António José Cavaco — Acompanhado de sua Esposa, filha e neto, tivemos o prazer de ver nesta Vila, o nosso amigo, sr. António José Cavaco, residentes em MOSCAVIDE.

Ao nosso amigo, que durante alguns anos residiu nesta Vila e que exerceu o cargo de chefe de mecânicos e montagens na barraagem de FRIEIRA (Espanha) e aos seus familiares, apresentamos os nossos cumprimentos.

Virgílio de Sousa Azevedo — Após ter passado as suas merecidas férias, em casa de seu sobrinho, sr. Emiliano de Sousa, nesta Vila, regressou à cidade do Porto, onde reside o nosso amigo, sr. Virgílio de Sousa Azevedo, acompanhado

de sua esposa, sr.ª D. Arminda Pereira Azevedo e da sr.ª D. Virgínia Maria Martins.

Aos visitantes que, visitaram Castro Laboreiro e que muito admiraram as belezas da nossa terra, os nossos cumprimentos.

Professor António Luís de Pinho Gonçalves — Tivemos o prazer de ver nesta Vila, o nosso estimado assinante e conterrâneo, sr. Professor António Luís de Pinho Gonçalves, acompanhado de sua Ex.ª Esposa e filha, residentes em S. Martinho do Bispo, Coimbra.

Os nossos cumprimentos.

D. Filomena Freitas das Neves — Acompanhada de seu marido, sr. David Galante das Neves, tivemos o prazer de ver entre nós a nossa conterrânea e assinante, sr.ª D. Filomena de Freitas Neves, residentes na «Quinta da Granja», Carregado.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Eduardo Villarinho — Acompanhado de sua Esposa, sr.ª D. Amélia Rosa Pereira Villarinho, e mais familiares, esteve a passar uns dias na sua residência «CASA DE S. BARTOLOMEU», na freguesia de PENSO, o nosso ilustre conterrâneo, sr. Dr. Eduardo Villarinho, distinto médico em Lisboa e Director do I. A. N. T.

A sua Ex.ª e demais família apresentamos os nossos cumprimentos.

Falecimento — Na residência de seu filho, faleceu no passado dia 17, em Monção, o sr. José de Sousa Domingues, viúvo, de 84 anos de idade, natural da freguesia de ROUÇAS, deste Concelho.

O extinto, pessoa de respeitabilidade, e que pelas suas qualidades de carácter era muito estimado, era pai dos senhores: Júlio de Sousa Domingues, agente da Polícia de Viação e Trânsito em Monção, Fernando de Sousa Domingues, Ladisdau de Sousa Domingues e da sr.ª D. Maria de Sousa Domingues, comerciante em Rouças.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério daquela localidade, tendo-se incorporado muitas pessoas de todas as categorias sociais.

A toda a família em luto, apresentamos o nosso cartão de sentidas condolências.

Manuel Félix Igrejas — Por via aérea partiu há dias para a cidade do Rio de Janeiro (Brasil), onde é industrial o nosso amigo e conterrâneo, sr. Manuel Félix Igrejas, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Margarida de Melo Igrejas e filhas, que passaram nesta vila uma temporada de visita à sua família.

Ao nosso conterrâneo, que nos deu o prazer de assinar o nosso jornal e a todos os seus familiares, desejamos boa viagem e felicidades.

António Ribeiro — Tivemos o prazer de ver nesta Vila, o nosso conterrâneo, sr. António Ribeiro, escrivão de 1.ª Classe do Tribunal do Trabalho em Vila Nova de Famalicão e nosso colaborador.

Os nossos cumprimentos.

Banco Fernandes Magalhães

PORTO

SEDE — Rua de Sá da Bandeira, 39 } Telef. 28241/5 } (6 linhas)
 » 29474 }
 DEPENDÊNCIAS — Rua das Flores, 332 } » 21861
 Praça Almeida Garrett, 6 } » 28241
 17- Rua de Sá da Bandeira - 19 } » 28241
 R. Fernandes Tomás (coll. v. 1918) } » 28452
 » 28241

LISBOA

FILIAL — Praça D. Pedro IV, 51 e 53
 a abrir brevemente) Rua 1.ª de Dezembro, 82

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
 Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
 Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Dr. Armando de Magalhães — De visita à sua família, esteve no «Solar de Galyão», desta Vila, o nosso estimado assinante, sr. Dr. Armando de Magalhães, ilustre advogado na cidade do Porto, acompanhado de sua Ex.ª Esposa, seu cunhado, sr. Adriano Faria, industrial naquela cidade e sua Ex.ª Esposa.

A todos os nossos cumprimentos.

D. Maria Amélia Lourenço Nóvoas — Acompanhada de sua irmã, sr.ª D. Julieta da Conceição Nóvoas, esteve durante alguns dias de visita à sua família, na freguesia de PRADO, a sr.ª D. Maria Amélia Lourenço Nóvoas, nossas estimadas assinantes, residentes no PORTO.

Os nossos cumprimentos.

António Araújo — De visita à sua família, esteve no lugar da Granja, freguesia de Alvaredo, a passar alguns dias o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. António Araújo, acompanhada de sua esposa, sr.ª D. Sofia Araújo, residentes em Mem Martins.

Os nossos cumprimentos.

Manuel José Gonçalves — Em gozo de merecidas férias, esteve alguns dias entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Manuel José Gonçalves, escrivão de 1.ª Classe do Tribunal da comarca de Viana de Castelo.

Os nossos cumprimentos.

Óscar Marinho — Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Arminda da Cunha Esteves Marinho e filho, tivemos o prazer de ver nesta vila, de visita à sua família o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Óscar Marinho, escrivão de 1.ª Classe do Tribunal da Comarca de Benavente.

Domingos Montes da Silva — De visita aos seus familiares, nesta Vila, esteve durante alguns dias o nosso amigo, sr. Domingos Montes da Silva, funcionário superior da «MOBIL», acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Odete da Rocha Lima Montes da Silva e filhos, residentes na cidade do PORTO.

A todos os nossos cumprimentos.

Afonso Lares — Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Helena Fernandes Pinto Lares, esteve nesta vila, a passar férias o nosso amigo, sr. Afonso Lares, residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Um Melgacense vítima dum acidente mortal — Pelas 22 horas e 30, do passado dia 11, na Rua da Calçada, desta Vila, foi vítima dum acidente mortal, devido a ter ficado entalado entre os rodados trazeiros de um camião e o passeio, o nosso amigo e conterrâneo, Sr. Reinaldo João de Almeida, de 64 anos de idade.

O infeliz Reinaldo, foi transportado ao Hospital da Misericórdia onde foi socorrido, e, não resistindo aos ferimentos, faleceu poucos momentos depois de ali ter dado entrada.

O trágico acontecimento causou profunda consternação a todas as pessoas quantas o conheciam ou que com ele privavam, pois era geralmente estimado pelas suas qualidades de carácter, bondade e trabalho, que sempre o impuzeram à geral consideração e amizade, de que gozava no nosso meio. Era casado com a sr.ª D. Maria Lourenço de Almeida e pai das meninas Maria Helena Lourenço de Almeida e Maria Angelina Lourenço de Almeida.

No seu funeral, que realizou-se no dia seguinte, incorporaram-se algumas centenas de pessoas de todas as categorias sociais desta Vila, e outras localidades, a Confraria das Almas e o Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, que prestou as honras de estilo a um velho bombeiro desde o início da prestigiosa Corporação, sendo a urna do extinto coberta com a bandeira e transportada no seu auto fúnebre.

Condúziu a chave da urna, seu cunhado, sr. Manuel Lourenço, comerciante desta Vila.

A G. N. R. tomou conta da ocorrência.

«A Voz de Melgaço» sensibilizada, apresenta a toda a família em luto, as mais sentidas condolências.

A. L. P.

Casa Pires

de Caetano Pires

Material de construção civil, acessórios agrícolas, adubos químicos e Tractor aos melhores preços.

Transporta todos os materiais para qualquer localidade.

PARADA DO MONTE — MELGAÇO

«MANCOZAN AZUL»

Pó molhável micronizado ideal para as suas sulfatações. Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha sulfatada com este produto, e tirará esta conclusão: MELHOR NÃO HA.

Patente: ROHNU e HAAS C.ª - U. N. A., n.º 3951

Agente distribuidor: Miguel H. G. Pereira

MELGAÇO

De Parada do Monte

(Atrasada na Redacção)

Nascimentos — Deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.^a Albina Pires, esposa do sr. Armando Pires, do Chão de Bezerro.

— Também teve a sua delivrança a sr.^a Rosa Rodrigues, esposa do sr. Armindo Pires, do lugar do Tablado.

Casamento — Consorciaram-se os nubentes José Rodrigues, do lugar do Paço, desta freguesia, e a menina Palmira de Lourdes Rodrigues, do lugar da Cela, da freguesia de Couso.

Vindos de França — Chegaram os srs. Eduardo Pires, Peçfeito Rodrigues, Manuel Domingues, José Pires, Ventura Esteves, José Afonso, Eduardo Rodrigues, Manuel Esteves.

Para França — Partiram os srs. Manuel Pires, esposa e filha, Abel Pires, esposa e filhos.

O tempo e a agricultura — Sempre veio a tão almejada chuva, que muito veio beneficiar a agricultura, principalmente os pastos dos gados e as uvas. — C.

Setembro, 25

Festa de Nossa Senhora do Rosário — Foi no dia 14 que se realizou a festa em honra de Nossa Senhora do Rosário a grande instrumental pela Banda de S. Martinho da Gândra. A Santa Missa principiou às 11 e meia, subindo ao pulpitto à hora própria um orador que muito agradou. No fim da missa saiu uma imponente procissão com muitos figurados onde iam representados os pastorinhos de Fátima e 5 andores.

De tarde houve arraial enquanto a chuva não principiou a cair, o que veio estragar o arraial. Graças a Deus que esteve bom para sair a Procissão, o que, de contrário, seria um grande desastre, atendendo ao trabalho que a gente levou para que a procissão fosse uma coisa deslumbrante como foi.

Nascimento — Deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.^a Rosa de Carvalho, esposa do sr. Salvador Vieites, do lugar do Tablado.

Vindos de França — Chegaram os srs. Manuel Pereira, Manuel Rodrigues e Justino Lourenço.

O tempo e a agricultura — Após uma invernia que durou 15 dias sempre veio o tão almejado bom tempo que muito vem beneficiar a agricultura principalmente as uvas. Oxalá que o bom tempo continue para recolher as poucas uvas que há. — C.

Casamento Elegante

Na igreja paroquial da freguesia de Prado, realizou-se no passado dia 14, com toda a solenidade o enlace matrimonial da menina Maria de Fátima Gonçalves de Araújo, prendada filha do sr. José António de Araújo (Zeca da Pureza), e da sr.^a D. Rosa Amália Gonçalves de Araújo, naturais da freguesia de Prado, com o sr. Joaquim da Rocha, filho do sr. António da Rocha e da sr.^a D. Rosa Maria Rei da Rocha, naturais da freguesia de Paderne.

Foram padrinhos por parte da noiva, seu irmão sr. José Luís Gonçalves de Araújo, aspirante de Fianças em Valença, e sua esposa sr.^a professora D. Maria Luísa Ribeiro de Araújo e por parte do noivo seu cunhado sr. Alberto da Silva e esposa sr.^a D. Maria das Dores da Rocha.

No fim do acto, que foi presidido pelo rev. P.^e Justino Afonso, o cortejo nupcial dirigiu-se em grande número de automóveis, para a casa dos pais da noiva, onde foi servido com todos os requintes de fidalguia, um lauto e bem confeccionado almoço a cerca de cem convidados, tendo-se brindado pela felicidade do gentil casal.

Aos noivos, que são dotados das melhores qualidades e simpatia e que seguiram em viagem de núpcias para o Sul do País, desejamos muitas felicidades e uma perene lua de mel.

Reportagem fotográfica, a cargo da «Foto Artine», da cidade de Braga.

A. L. P.

Aniversário

No passado dia 30, do mês de Setembro, festejou o seu aniversário natalício, o nosso amigo e conterrâneo sr. Eurico José Vidal Rodrigues (escriturário).

A este nosso amigo e também colaborador, que teve a gentileza de oferecer no «Café Estrela», desta vila, um fino «beberete» a um grupo de seus amigos, desejamos-lhe que esta data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

De Paços

Encontra-se junto de seus avós paternos, a passar férias, a menina Maria Rosete Bailão, estudante da Escola Industrial, em Vila Nova de Gaia, filha de José de Jesus Bailão, nosso assinante, funcionário da Alfândega do Porto.

— Vindos de França, encontram-se junto dos seus, Henrique Esteves, sua esposa e filhos, de Sá.

— São esperados, por suas famílias, para breve, mais emigrantes, vindos da França. — C.

Sociedade

Aniversários

Fazem anos: hoje, Ladislau Alves e Salvador dos Anjos Soares; amanhã, D. Aurora Augusta de Melo; no dia 3, D. Carlota de Sá Vilarinho Dantas e Carlos Alberto Soares; no dia 4, D. Maria da Conceição Lopes Pereira; no dia 5, D. Glória de Lourdes Alves Moraes e Manuel José Salgado Júnior; no dia 6, Fernando Correia de Paiva; no dia 7, a menina Esperança da Glória Gomes de Sousa, Feliciano de Jesus Rodrigues; no dia 8, D. Olímpia Rodrigues de Almeida; no dia 10, Alpidio Gonçalves e António Fernandes; no dia 12, D. Rosa Herminia Rodrigues Pereira, Armando Joaquim Alves Malheiro e mestre José Eugénio Gonçalves Pereira; no dia 13, Manuel Pinto da Silva; no dia 14, Manuel José Gomes de Sousa; no dia 15, Gaspar Octávio Passos de Almeida.

Aniversário

No próximo dia 5 de Outubro, festeja o seu aniversário natalício o nosso conterrâneo, estimado assinante e colaborador sr. Armando Augusto de Araújo.

É curioso que este nosso amigo, não sendo relojoeiro, conseguiu, mediante a sua extrema habilidade, por de novo em funcionamento o relógio do monumental Castelo desta vila, conseguindo ainda que o mesmo repita, passados alguns momentos, as mesmas horas.

É, pois, louvável a sua atitude, e nós, limitamo-nos simplesmente a dizer que o sr. Armando Araújo é o «médico» oportunista para as constantes avarias do complicado relógio do Castelo.

Há muito, que esperávamos um técnico dessa especialidade.

Os nossos parabéns.

A. P.

Cristóval

(Atrasada na Redacção)

Faleceu há dias, a sr.^a Ana de Puga, dos Casais, de 75 anos.

Paz à sua alma, e pêsames à família enlutada.

— Depois de passarem as suas férias, já regressaram a França, Manuel Rodrigues, esposa e filhos, de Cevide, bem como alguns emigrantes mais, desta freguesia. — C.

Assine, Anuncie e Propague
«A Voz de Melgaço»

DOIS DOS MAIORES PRÉMIOS

da extracção de 12/9/69
foram vendidos pela

CASA DA SORTE

33401 — 2.º PRÉMIO — 420 CONTOS
25231 — 3.º PRÉMIO — 240 CONTOS

Assim a

CASA DA SORTE

Distribuiu já, este ano,
61 PRÉMIOS GRANDES

— o triplo do seu mais próximo concorrente! —

Em 4 de Outubro, realiza-se a

LOTARIA EXTRAORDINÁRIA DO OUTONO

1.º PRÉMIO — 12.000 CONTOS

Bilhetes duplos a 400\$00 — Quintos a 40\$00

Habilite-se, desde já, na

CASA DA SORTE

e prefira-a também no TOTOBOLA, pois tem estado a dar igualmente prémios grandes em todos os concursos deste ano, graças aos sistemas italianos e ucranianos por si introduzidos em Portugal

CASA DA SORTE

A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS na LOTARIA e no TOTOBOLA

Braga — Porto — Coimbra — Lisboa — Luanda
Lobito — Lourenço Marques

VENDE-SE

Portela do Couto — Chaviões

Várias propriedades, junto e próximo à Estrada Nacional, com muita água, vinho e casa de caseiro. Casa de moradia com todo o conforto, água própria, luz, adega, canastros e rossios, com propriedade junta.

TRATA E INFORMA

Maria de Lourdes Rodrigues Aboes

Telef. 42169 — PORTELA DO COUTO

Agência de Viagens «RUMO»

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Comboio a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro

MELGAÇO

Vendem-se

Três campos de rega e um de seca, próprio para construção, na estrada da Lodeira — Monção.

Informa «Notícias de Monção».

Renovamos
a cada dia
a nossa tradição
de bons serviços

CORRESPONDENTE NO BRASIL:

BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S. A.

RUA DO OUVIDOR, 86 — RIO DE JANEIRO



Organização Bancária

PINTO DE MAGALHÃES

Rua de Sá da Bandeira, 53 — PORTO
Rua do Ouro, 95 — LISBOA
Praça da República — MELGAÇO

AGENTES E CORRESPONDENTES EM
TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

Os pontos nos ii

Com vista ao
Sr. Dr. Abel Augusto Vaz

O sr. dr. Abel tem procurado defender a todo o transe a atitude do seu «cliente» no caso dos 500\$00.

Filosofou, retrucou, mas... em vão; perdeu o tempo.

Segue a cópia da correspondência trocada sobre o assunto para elucidação dos leitores interessados:

«Senhor F...

Tentei saber quanto gastou para reparar os danos causados no seu carro pelo choque de que fui o principal culpado.

Como o não consegui, tomo a liberdade de remeter-lhe, aqui junto, um cheque no valor de 500\$00.

Se o custo da reparação ultrapassou esta quantia, tenha a bondade de dizer-mo para lhe enviar o que falta; se custou menos, disporá do troco como lhe aprouver. Desejo-lhe muita saúde.

Ceivães, 30 de Abril de 1969.

P.º António de Jesus Rodrigues».

Dias depois, recebi o seguinte cartão do sr. Presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários de Melgaço:

«Melgaço, 12 de Maio de 1969.

Rev.º Senhor

D... F..., illustre..., deste concelho, recebemos uma carta acompanhada de um vale de 500\$00 (quinhentos escudos), dizendo ser oferta de V. Rev.º, e com o pedido de comunicação.

Em nome da Direcção desta Associação Humanitária, apresento a V. Rev.º os nossos agradecimentos, formulando os melhores votos de muitas felicidades.

A Bem da Humanidade.

O Presidente,
José Augusto Lourenço»

Respondi:

«Ex.º Sr. Presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço

Respondo ao cartão de V. Ex.º de 12 de Maio corrente. Não fiz qualquer oferta, nem directa, nem indirectamente, à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço.

A informação prestada pelo illustre... F... não corresponde à verdade. Devolvo os agradecimentos, porque me não pertencem, e peço a fineza, que desde já agradeço, de mandar rectificar a notícia inserta no jornal «Notícias de Melgaço», de 11 de Maio do corrente ano, sob a epígrafe: Bombeiros Voluntários.

Agradeço e retribuo os votos de muitas felicidades.

Ceivães, 24 de Maio de 1969.

P.º António de Jesus Rodrigues».

Santa Rita

A partir do próximo dia 15, a Santa Missa, nos dias de preceito, será às 9.30 h.

Irmã Maria dos Anjos

Os garotos do Pardal sem Rabo...

Cinco, eles eram cinco. Foi preciso ensaiar a composição musical: — *Pardal sem Rabo*. E o ensaio começou. Era uma desafinação tremenda. Calase agora um, logo outro, e todos por fim. Voltam-se então para o lado do Pernidelo e todos em coro: — Ora este Pardal sem Rabo, nas que nos metel!...

«Carta ao Emigrante»,

(Continuação da 1.ª página)

perto da fronteira com o Congo e com a Zâmbia. Mesmo nesses sítios só na mata é que conseguem estar pois a tropa está constantemente a dar-lhes caça. Vinde até cá e trabalhareis naquilo que é vosso, nesta Angola que vos espera de braços abertos. Cá fala-se o português e vive-se maravilhosamente bem sem necessidade de andar com as «trouxas» às costas de um lado para o outro e a viver em barracas.

Vinde até cá e jamais vos arrependereis, podeis estar certos.

António José da Cunha

Pelo Hospital e Lar de S. José

(Continuação da 1.ª página)

— O sr. Armando Malheiro, que nesta vila foi durante anos, membro da Conferência Vicentina, veio há dias ao nosso Lar de S. José, com sua dilecta esposa, trazendo-nos ambos grande remessa de roupa, com palavras de conforto. Vamos entrar na quadra fria do ano e quem nos dera que outros se lembrassem de nós.

Em dinheiro, também aqui nos chegaram mais algumas prendas: Da sr.ª D. Leonor R. Teixeira, da vila, 50\$00; De um generoso anónimo, boa quantidade de roupa branca, para as Senhoras; Da sr.ª D. Leonor Teixeira, mais 150\$00; Da sr.ª D. Emília dos Anjos Ribeiro, que já adoptou uma filhinha dum pobre vizinha e está a criá-la com todo o carinho, 50\$00; Do sr. António Domingues, da Vinha de Cima, quando se dirigia para França, 50\$00; Da Ex.ª Esposa do sr. dr. Saavedra, 100\$00.

E, graças a Deus! Quando virá a hora, em que Melgaço conheça esta sua obra e faça dela um mimo do seu coração? Somos tão poucos! E tão poucos nos ajudam!...

P. CARLOS

Anuncie na «A VOZ DE MELGAÇO»

Manuel Vicente Coelho

IGREJA — ROUÇAS — MELGAÇO
TEL. 42272

Nas FESTAS, encarrega-se de: Serviço de alti-falantes; primorosas instalações eléctricas; todas as ornamentações dos templos; figuras e andores.

E tudo mais barato que os outros!

Consulte-nos e preferir-nos-á

ESCLARECIMENTO

Na «Voz de Melgaço», de 15 de Setembro, saiu um artigo «Comentando» e no P. S. assinado por Carlos Nuno fala-se nos nomes de minha mulher e meu cunhado Padre.

A notícia, como vem inserida, é maldosa, e, por isso, eu quero esclarecer que meu cunhado Padre não compareceu ao funeral de minha saudosa Mãe, porque tendo vindo de manhã, apresentaram-nos sentimentos, e tendo estado conosco cerca de uma hora, disse-nos que não podia assistir, em virtude de compromissos anteriormente tomados; mas que iria, no dia seguinte, à freguesia de Paços, assistir à Missa e ofícios pelo seu eterno descanso, como estava combinado com o sr. Abade de Paços e com o que nós concordamos e agradecemos.

Foi o sr. Padre Carlos Nuno que, à última hora, mudou tudo o que estava previsto, sem prévio aviso a ninguém.

Cavaleiros, 20 de Setembro de 1969.

Armando Gonçalves.

Custa-nos tornar ao assunto. As nossas afirmações eram claras.

1.º— Só esta informação—para legítima defesa de quem era acusado de dar a mão a um inimigo e que se envergonhava de ser padre—é que é maldosa! As muitas que têm aparecido no colega local são todas bem intencionadas!!! Só de...

2.º— Os compromissos que impediram o sr. P. Manuel de comparecer ao funeral são bem co-

nhecidos de todos e têm a razão última numa carta «mimos» que o sr. Armando Gonçalves lhe mandou escrever em tempos. Infelizmente...

A gente de Cavaleiros sabe-o bem.

3.º— A mudança do funeral para a tarde, quanto à missa e ofícios, foi alvitrada por vários dos sacerdotes presentes, e teve o bom acolhimento de todos—que vieram por consideração ao Sr. P. Manuel—foi bem recebida pelos que dirigiam o funeral: Sr. António Esteves e sr. Araújo e foi devidamente comunicada por mim ao sr. Armando Gonçalves que a acolheu com um «muito obrigado» e com: «era bem ficar tudo pronto no mesmo dia». Mais ainda, nem sequer tocou a hipótese de o cunhado poder ficar melindrado. Nem dele falou.

Sabemos ainda que o sr. P. Manuel telefonou à tardinha a perguntar a hora dos ofícios do dia seguinte. Se, de facto, esteve de manhã cerca de uma hora, parece estranho que não conhecesse o horário... Desculpas que não entram na cabeça de ninguém...

P. Carlos Nuno

P. S.— 1.º— Não recorrerei a confidências nem a outros quejandos. Algo me distingue...

2.º— Toda e qualquer calúnia que, mesmo disfarçadamente, se levante a meu respeito terá o destino conveniente.

Quem me avisa... Tudo o que for verdade não me importa que seja dito. Com a detracção e a calúnia é que não transijo.

Carlos Nuno

Carreira de camionete entre Melgaço e a Peneda

Foi pedida supericrmente autorização para uma carreira de camionete de passageiros entre Melgaço e a Peneda servindo Carpinteira, Sante, Pomares, Cubalhão e Lamas de Mouro.

Carreira de camionete entre Melgaço e Fiães

Foi pedida superiormente autorização para uma carreira de passageiros entre S. Gregório e Fiães passando por Melgaço.

Vinho do Porto! Delícia de Portugal Vinho do Porto BARROS

DELICIA DO VINHO DO PORTO

Lágrima Cristi Barros

EM FRANÇA
O MAIS PREFERIDO

Compre BARROS
Ofereça BARROS
Beba BARROS
QUE É O MELHOR

O Santo da quinzena

(Continuação da 1.ª página)

de extinção da horrível epidemia! Os napolitanos festejam já em 493 o dia de S. Miguel, que, segundo uma piedosa lenda, teria aparecido no monte Gálgano (Itália).

A luta que S. Miguel teve que sustentar, em tudo se iguala à nossa. Seus adversários eram os anjos maus que não mais queriam prestar homenagem a Deus. Hoje são os homens que desenrolam a bandeira da guerra contra Deus. Esta nova revolução trabalha aberta e distintamente, atrás de máscara, com mentiras, seduções, calúnias e mil artificios diabólicos para arrastar a ideia de Deus dos corações dos homens!

Irmã Maria dos Anjos

Abel Augusto Vaz

ADVOGADO

Escritório
Registo Civil Tel. 42240

MELGAÇO

Dr. Luis Domingues

CLINICA MÉDICA

Rua Formosa, 253-2.º-D.º
Tel. 29415 PORTO

As "Motivações," do sr. "S. S.,

(Continuação da 6.a página)

cepa, onde a educação é timbre das pessoas. Também, por graça de Deus, nunca precisei de andar com a saquinha às costas, e, muito menos para pedir a V. Ex.ª fosse o que fosse.

A certa altura das suas motivações diz: «Quem me procura, encontra-me sempre». Eu acrescento: mas fugindo sempre do assunto, como o provou no caso em questão.

Mas, pensando que, desta vez, o encontrarei..., aí vão algumas perguntas que andam na boca de todos.

Muitas outras existem, mas...

1 — Pode dizer-me em que lugar fica o Colégio quanto a resultados negativos e positivos? E quanto a quotas caras? Número de professores?

A resposta certa será com números!

2 — Porque será que há tantos alunos a estudar fora do Concelho, se o Externato é tão eficiente? Será porque lá fora pagam mais? Porque compram tudo no mesmo Colégio e mais caro que nos estabelecimentos legalizados?

Será porque têm de repetir anos sucessivos os mesmos exames? Porque ali têm um professor para a maior parte das disciplinas, capaz, na sua omnisciência de auto-didacta, de ensinar da Física à Filosofia, da Geometria à Química, sem laboratório nem gabinete?

3 — Continuará a pertencer ao quadro de professores alguém que, na sua disciplina, levou os alunos do 5.º ano a atingir uma média geral de 6 valores? *A resposta será apenas com números!*

Não é bonito fugir a respostas, embora tenham de ser desagradáveis para quem as dá, sobretudo em quem se apresenta como modelo a seguir de cavalheirismo e verdade.

E o problema, no fundo, é só este:

Quais os verdadeiros resultados dos anos lectivos de 1967-1968 e 1968-1969 do 5.º ano, e, se possível, discriminados por cada disciplina?

Se não gostar do método copiado do vosso jornal, não se zangue. As coisas devem ser bem pensadas antes de serem ditas, ou, pelo menos, rectificadas a tempo.

No colega local apareceu um artigo, sem pai, intitulado: «Kaika». Alguns brincaram com o nome. Lá terão as suas razões. Como, por vezes, escrevemos o que somos, sem dar por isso aí vão alguns parágrafos — com a devida vénia — do que lá se escreve:

«Kaika»

«Era bom. Seria mau até. Que importância teria para ele essa bizantina distinção mental se nas regiões nebulosas da imaginação em deliquios intermitentes, entre um bocejo e algum que outro momento de lucidez, tudo era aferido em termos de aporção económica?»

O disparate era a sua medida das coisas; o dinheiro, o compêndio da Ética.

Aqui não cabia a culpa. Caldeando estes princípios

básicos em alambiques etílico — cerebrais, destilava catedrais de pensamentos confusos em pináculos pirandélicos de imagens contorcidas como gárgulas alegóricas em mundos fantasmagóricos.

Seu raciocínio elementar tinha sido absorvido pela capacidade digestiva e todas as possíveis potencialidades espirituais estiolaram como cepa velha em encosta de canícula.....

Parece-nos que a leitura que o povo fez e que nós decentemente explicamos substituindo a consoante labio-dental por uma consoante gutural K está perfeita.

Carlos Nuno

Resposta a parte do "COMENTANDO,"

(Continuação da 6.a página)

tude elegante e a única saída airosa. Gosta de saídas airozas? Então saia por esta porta, a porta do engano, que não tem outra. Não insista, avise-o lealmente, senão tenho que dizer que o Sr. Professor Ascensão Afonso, teve razão, e não lhe calha nada bem, porque o povo diz, lá na sua filosofia muito peculiar: *quem faz um cesto, faz um cento.*

O outro assunto não lhe diz respeito. Deixe-o aos interessados que têm, graças a Deus, capacidade e idoneidade suficientes para resolverem os seus problemas.

O Sr. não fez as pazes com o Sr. Professor Afonso? Pois eu, com toda a gente de juízo, louvo os dois e digo: Muito bem! Muito bem!...

Mas o senhor não gostou de ver as suas famílias unidas! Censura em mim o que louvo em si!... Curioso, não é?

Há outro senhor a quem esta harmonia causou também uns engulhozitos.

Porquê?

Vocês lá sabem porque!... Nós fazemos votos para que todas as famílias desavindas se reconciliassem, inclusivé a do Senhor Professor Lourenço.

Eu estava calado, Sr. Professor, mas já que chama por mim, eu respondo, embora contrariado. Presente! Gostou? Julgo que não. Mas, Sr. Professor, eu não me meti consigo. Não me meti consigo, Sr. Professor! Sr. Professor, para que se meteu comigo? Ai fica a resposta.

Deu um mau passo, Adeus. Se quiser dar o segundo, então um até breve do

António Rodrigues

P. S. — O Acórdão do Porto, relativo ao processo referido, foi favorável ao Sr. Professor Afonso.

Rodrigues

No café

O assunto da conversa é a política.

Diz o Augusto, vaidoso: — Eu também tenho valor político.

Diz o César: — Perdão, o sr. só o tem como homem; como político é um zero à esquerda.

Comentário irónico e em surdina do Bento: — Este nem como homem, é tão pequenino!...

Os pontos nos ii

(Continuação da 4.a página)

O informador faltou à verdade.

Ceivães, 16 de Junho de 1969.

P.º António de Jesus Rodrigues.

Foi este «Desmentido» que me receu as honras de uma Nota da Redacção da autoria do sr. dr. Abel Vaz.

Segue a cópia da última carta:

«Ceivães, 18 de Julho de 1969.

Senhor F... »

Mandei para o jornal de que é co-proprietário a minha resposta a alguns articulados do autor da N. da R.

Não respondi a todos por razões que se adivinham.

As nossas relações mudaram; já não são amistosas. Ambos conhecemos os motivos: o sr. F... porque lhe deu origem; eu porque lhe senti os efeitos.

Tenho pena de ter perdido um amigo. Um amigo fiel é um tesouro, lá diz o velho aforismo latino. Não sinto o goivo do remorso. Não provoquei essa perda. Nunca o magoei. Nunca o desconsidereei. Toda a minha família o estimava; era quase um irmão entre os irmãos, quase um filho no meio dos filhos.

A sua atitude é inacreditável, incompreensível. Não andar, aqui, a promessa de um lugarzinho no corpo docente de qualquer estabelecimento de ensino?

O futuro o dirá.

Julgo o vítima de falsos amigos, pelo menos em parte. Isto não o inibe de culpa, mas mostra que caiu mais por fraqueza do que por maldade.

Mandei-lhe o cheque para pagar ao artista o concerto do carro. Nisto não há ofensa. A carta que o acompanhou era correcta. Agi com dignidade e coerência e não dei publicidade aos meus actos.

Nunca dei o «caso» como arrumado e, sobretudo, depois de o sr. F... me dizer que os estragos foram maiores do que se pensava. Como já não éramos amigos também não quis ficar a dever-lhe o favor. Atitude normal e lógica. Como procederia o sr. F... em idêntica circunstância?

Com o artista, sr. Joaquim, mantive este diálogo: — Foi o sr. quem concertou o carro do sr. F...? — Fui. — Pode dizer-me por favor,

Cartas ao Director

Sr. Director

Lemos na imprensa que os miudos de Rouças se exibiram e muito bem, no Teatro, para as suas famílias e cantaram: — «O melro perdeu o pio».

Deve haver engano, pois não conhecemos se cante aí tal composição musical.

De V. Ex.ª muito amigo

Valença, 27/9/69.

E. A.

Tens razão caro Amigo. Tal composição musical, com o título, que mencionas, é aqui desconhecida.

Mas há uma explicação: — lá estavam os representantes dos «cinco litrinhos», eles são cinco! à espera e, como tivessem «bebido» bastante, perderam o pio. Por isso a deturparam. Eles queriam dizer: — o nosso Pardal perdeu o Rabo.

vor, quanto custou o concerto?

— Tenho ordem para não dizer. — Pode, ao menos, dizer-me se o custo da reparação é superior ou inferior a 500\$00? — É inferior. Momentos depois confidenciou: — Olhe, eu sou muito amigo do sr. F... e, por isso, não tenciono levar-lhe nada.

A isto retorqui: — A obrigação de pagar o concerto é minha, não é do sr. F... Fui eu o culpado — o principal culpado — da colisão. O sr. a mim não me deve qualquer favor e nem sequer me conhece; portanto, pague-se.

Até aqui o diálogo que reproduzi com fidelidade. Ouça, se quiser o artista e os dois operários que com ele trabalham na mesma oficina. A verdade é só uma; é esta: «No teor do diálogo referido encontra um dos motivos porque lhe enviei o cheque. Foi a primeira vez que falei com o artista e, até à data, a única. O sr. F... deu aos 500\$00 um destino indevido. Se a reparação foi gratuita, como diz o autor da N. da R., para que se cobrou o cheque? Sim, se nada havia a pagar, para que recebeu os 500\$00?»

Por causa do troco? Lamento, sem remorso o sucedido.

Desejo-lhe muita saúde.

P. S. — Esta carta é só para si.

P.º António de Jesus Rodrigues.

1.º Comentário

Quem será capaz de descortinar na primeira carta a indicação de que os 500\$00 sejam entregues, em meu nome, aos Bombeiros Voluntários em Melgaço? Só quem trelê.

2.º

O mecânico disse-me: — «Olhe, eu sou muito amigo do sr. F... e, por isso, não tenciono levar-lhe nada».

O sentido desta frase não é igual a não lhe leve nada ou a reparação é gratuita. Há diferença e não é pequena. Além disso informei o artista de que: «A obrigação de pagar o concerto é minha, não é do sr. F... Fui eu o culpado — o primeiro culpado — da colisão. O sr. a mim não me deve qualquer favor, e nem sequer me conhece; portanto, pague-se».

Porque seria que o sr. dr. não publicou esta parte?

Os advogados devem usar de lealdade.

3.º

O sr. dr. Abel não tem carta minha. A frase que transcreveu no seu jornal pertence a esta, que foi dirigida em 18 de Julho deste ano, ao «Cliente» do sr. dr. com a nota: «Esta carta é só para si». Não sei como o sr. dr. fez uso dela, nem como o Ex.º «Cliente» lhe confiou!... Parece-me que não sou eu quem precisa consultar um bom advogado!...

4.º

O sr. dr. Abel apareceu na «Voz de Melgaço», mas só de fuga. «Vou» logo para o seu jornal. Nem sequer aqui me respondeu. Os gostos não se discutem.

5.º

A palavra «troco» nunca pode significar a totalidade de uma quantia. Troco significa parte, e não todo.

Qualquer dicionário, mesmo o mais «pataqueiro» diz «troco» é o que se recebe do vendedor a quem se pagou um objecto com moeda superior ao preço ajustado».

Estamos, ou não, de acordo, sr. dr. Abel?

Se tivesse tempo e disposição para fazer um dicionário de calinadas ao chegar à palavra *troco* diria: *é a totalidade de uma quantia*. Num concurso, aposto que ficava num dos primeiros lugares.

1.º P. S.

O sr. F... é o sr. P.º Manuel Bento Sousa Silva, ilustre «Cliente» do sr. dr. Abel.

2.º P. S.

Dizem-me que, os «recados» do sr. dr. Sidónio e do sr. Abade de Fiães, a quem aludi no último número deste jornal, não foram dados em «tom agressivo».

Regista-se com prazer.

ANTÓNIO RODRIGUES

A lógica da Gráfica...

Diz ela: «sabem acaso os nossos leitores que nestes últimos dias estiveram internadas na maternidade do hospital de Monção duas parturientes melgacenses?» E continua: — «Todos estão fugindo daqui com mais pressa que o diabo da cruz».

Reparem: — todos. Como se faliasse a verdade! Todos! E a maternidade de Melgaço continua a ter muito de dia e de noite, todos o sabem.

Ora bem sr. Dr. Abel: sabemos de muitas pessoas que, precisadas de um advogado, procuram outros que não a Si. Fugirão eles do seu consultório (são muitos!) como o diabo da cruz?

Sr. Dr. Sidónio, sabemos de muitos alunos que, todos os anos, procuram outros colégios por aí abaixo, o que lhes fica mais dispendioso e muito mais distante das suas famílias. São muitos, repare. Fugirão eles daí como o diabo da cruz? A Gráfica só fala de duas parturientes e, a ser verdade, o que é preciso provar-se, nada nos diz dos motivos.

Mais: — nas grandes cidades do Porto e de Lisboa, além dos hospitais do Estado, há os particulares que muitíssimos preferem a queles. Poderá dizer-se que fogem daqueles como o diabo da cruz? Nós achamos muito bem que cada qual tenha onde escolher e procure os que desejar. O que é preciso, sobretudo, é que os pobres da nossa terra tenham uma cama no hospital e o carinho e técnica precisos, para serem atendidos.

Como o diabo da cruz!... Ó Sr. Dr. Abel, aonde iriam vocês buscar o conta-quilómetros? — Estareis nas boas relações do mafarrico? Só faltava esta...

DR. ALEXANDRE AMORIM
ADVOGADO

Herculano Lima da Silva
SOLICITADOR

Com ESCRITÓRIO nesta vila

As "Motivações" do sr. "S.S.",

O sr. Director do Externato Liceal de Melgaço levou muito a mal a nota aqui publicada sobre o movimento escolar daquele estabelecimento de ensino relativo ao ano de 1967-1968. E fe-lo dum modo agressivo, nada cavalheiresco, como seria de esperar em quem se julga — e devia ser — modelo de educador.

O sr. S. S. (Dr. Sidónio), com 9 anos de Seminário e alguns de Universidade, queria só atirar pedradas fortes aos outros, esquecendo-se do seu «telhado»! Quando lhe foi pedido, com respeito e delicadeza, o favor de nos informar sobre o movimento escolar do Externato Liceal de Melgaço, desata a injuriar quem delicadamente se lhe dirigiu e, como se isso não bastasse, fala de tudo menos da questão posta e alvitra conjecturas delirantes que não encontro na mais estrambólica filosofia.

Sabemos que não fizemos o pedido por carta, mas foi só porque quisemos usar o método de «Notícias de Melgaço». Com efeito, em 22 de Junho do ano em curso, vimos como se pedia à «Voz de Melgaço» — no dizer deles, órgão officioso da Câmara — para esclarecer várias coisas respeitantes à mesma Câmara. Quando em 20 de Julho vimos no mesmo «N. M.»: «Pelo Externato» só os resultados bons e que não apareciam os do 5.º ano devidamente descritos, logo concluímos que havia gato. Os pais dos futuros alunos deviam ser devidamente esclarecidos.

Importava, além disso, saber quantos alunos frequentavam o Externato e ver se muitos outros não poderiam estudar desde que lhes fosse possibilitado o ensino oficial quase gratuito.

Haveria nisto más intenções?

Se, além disso: «São conhecidos de todos, todos os anos, os nossos resultados; só as partes interessadas dizem respeito...» porque apareceram no colega local só os resultados bons do 5.º ano?

Não quisemos dizer que «Notícias de Melgaço» é o órgão officioso do Externato. É algo mais que isso. Identificam-se em interesses: o director interino tem lá a espora como professora de Francês e o resto da sociedade «Gráfica Melgacense, Lda» ou lecciona ou «consta» que pretende leccionar no referido Externato.

Havendo essa identificação de interesses e tendo em conta o processo usado pelo referido jornal, creio ter sido lógico — até porque esse procedimento

não foi vetado — que eu o usasse para pedir em jornal. Se o fiz à Secretaria do Externato foi para evitar segunda diligência do jornal e para que os resultados revestissem o carácter oficial.

A resposta não foi dada na devida altura.

Das nossas investigações surgiram os resultados de 1967-1968 que enquanto não forem contraditados com outros mantêm total validade. Não há um princípio que diz: «o que se afirma gratuitamente, nega-se gratuitamente»? Já o esqueceu, sr. dr. Sidónio?

A resposta não foi dada e as «motivações» que apresenta — não o engrandecem perante ninguém. A consideração do público e dos alunos conseguese por meio do respeito, da delicadeza de trato, pelo exemplo de vida e pela humildade.

Porque se zangou com quem lhe pediu resultados delicadamente?

Não criticámos destrutivamente. Ou julgar-se-ão isentos de toda e qualquer crítica? Não é ela: «um meio válido de perfeição»? Ou se-lo-á só para aplicar aos outros?

Em 8 de Junho V. Ex.ª escreveu que «a criação da Escola Preparatória não só não prejudica o normal desenvolvimento do Externato, como ainda lhe será subsidiária num mais sólido e efectivo crescimento». Se, além disso: «as partes interessadas» estão muito satisfeitas com os resultados, porque é que V. Ex.ª os não publicou e não desmentiu, com números, os que nós apresentamos referentes a 1967-1968? Não ponha ponto final! Dê os resultados. Só essa é que é uma resposta digna!

E embora os resultados do presente ano sejam melhores — dadas várias circunstâncias que os rodearam — nós gostaríamos de os ver em letra de imprensa e, se possível, com a nota em cada disciplina. O nosso jornal está à disposição. Porque há-de ter medo, sr. dr. Sidónio?

Não fuja para outras locuções, nem perca a serenidade. Lembra-nos o professor, que pode ser ele. Ao tentar demonstrar um teorema de Matemática fala de tudo menos de... Matemática e do ponto que devia esclarecer. Certo que nos dizem ter havido — e não sabemos se ainda há — no seu colégio, um professor que quase nunca entregava os pontos corrigidos. Se assim é, o estilo continua.

Só se exige e nada se dá...

Até quando sr. dr. Sidónio?

* * *

Ainda mais grave que as divagações é dizer que eu me meti no caso por despeito. Eu teria escrito, porque não fui admitido no Colégio como professor!!

Só de si, sr. dr. Sidónio, podia sair uma coisa dessas! Onde e quando lhes falei em vir para cá?

Há dois colegas meus, de curso, aqui no concelho que o podem informar de que eu sabia, antes de ser ordenado, que iria continuar estudos. Além disso logo no 1.º ano e o único que passei antes de continuar os estudos, fui nomeado

professor da Escola Industrial de Fafe. Que interesse tinha eu em vir para cá?

As minhas aspirações são bem diferentes das do sr. Doutor e o meu mobil é algo superior ao lucro vil!

Devo dizer-lhe ainda que o meu tio e padrinho tem uma formação bastante superior para o não deixar cair em sentimentos primários só porque V. Ex.ª foram incorrectos com ele.

Bem nos avisou que o Externato não oferecia garantias, mas nós quisemos que o meu irmão pudesse fazer um bocado de companhia aos pais. Esteve aí para o exame de transição do 4.º para o 5.º ano. Apesar de todas as promessas, reprovou na oral por falta de preparação nas lições do 4.º ano e por má orientação. Foi para Braga e lá venceu todos os anos. Mais ainda: fez 6.º e 7.º e dispensou do exame de aptidão, num só ano. E mais barato que em Melgaço. E num colégio diocesano!

Pergunte à Comissão Angariadora de Fundos para a residência paroquial de Prado se foi verdade o meu tio e padrinho ter tido a mínima interferência para a sua aquisição e destino que lhe foi dado. Seja, ao menos, correcto e verdadeiro!

* * *

Sr. dr. Sidónio, por graça de Deus, sou originário de boa

(Continua na 5.ª página)

"Incongruências"

36 linhas a duas colunas gasta o sr. dr. Abel em oratória balofo de introdução a 3 supostas incongruências do último número de «A Voz de Melgaço». Não nos parece grande advogado!

1.ª — Na carta que nos dirigiu não havia publicidade da sua pessoa. Se a havia fizemo-la ao indicar onde a poderiam os leitores encontrar e até pelo anúncio dele no nosso jornal.

Respondo: Toda a sua carta, mas sobretudo até onde dizia «Isto posto vamos aos factos» era propaganda da sua «dignidade e bom nome». Ora foi essa propaganda que nós não fizemos nem faremos mesmo pagando-nos.

À do anúncio é propaganda da profissão... creio eu.

Também na devida altura se disse no jornal qual o verdadeiro significado da reportagem sobre as missas novas. Basta-nos isso.

2.ª — a) Que nós também mudamos de opinião a seu respeito pois se disse, em tempos que era o «ilustre amigo e conterrâneo», e o «ilustre e querido amigo». E diz textualmente: b) «Será que também eu lhes dei algum motivo de agravo ou de menor atenção»? «Será que tive alguma palavra menos correcta para a família de «A Voz»? Respondo: Quanto à segunda parte: Precisa de ir a um oculista e lamentamos que desconheça a semântica das suas palavras. Quanto à primeira queria dizer-lhe que

Resposta a parte do "COMENTANDO," do Senhor Professor Lourenço

O Sr. Professor José Augusto Lourenço, esta a sua graça completa, publicou no «Notícias de Melgaço» de 25-8-1969, parte da sua biografia, sob a epigrafe: «Comentando». O que disse, já era do nosso conhecimento. Falou do estudante e das suas aspirações, do marido, do pai. Aguardamos agora, que nos fale, se quiser, do professor e do político, do orador e do jornalista.

Do professor, e, portanto, das suas actuações nos exames de instrução primária e nas passagens de classe, inclusive nas do último ano lectivo, em Paços. Aqui para nós e muito baixinho:

A este respeito anda por aí um zunzum!...

Que nos diga, porque fez parte, só como vogal, dum júri de exames da 4.ª classe no ano activo que findou.

Não lhe ficaria bem a presidência como adjunto que é do Delegado Escolar de Melgaço? Baixinho: A este respeito corre, por aí, outro zunzum!... Outro? Ou o mesmo?

Do político, isto é, da sua personalidade e actuação políticas, etc., etc., etc.

Ao tocar este assunto não se esqueça de escrever um capítulo — dá bem para um capítulo — sobre as eleições do Grémio da Lavoura e o Presidente da comissão concelhia da União Nacional.

Noutro, dará conta — estou a apresentar uma sugestão — das relações do Presidente da União Nacional concelhia com o Presidente da Câmara; do número de vezes que o convidou para assistir às reuniões, como determinam os Estatutos, etc., etc., etc.

Também não deve esquecer-se de reproduzir o discurso laudatório que pronunciou no Salão Nobre da Câmara Municipal, há dois anos, aquando da homenagem ao Presidente,

alço nos distingue de Cristo. Ele pôde chamar a Judas «amigo» mesmo quando lhe deu o beijo de traição. Nós não o denominamos como tal mas continuámos a tratá-lo com diplomacia.

Não fomos nós que principiámos!!!

3.ª — Acha o sr. dr. Abel que eu polemizo sem motivo, difamo instituições, critico sem razão, hostilizo amigos!!! e que isso constitui mais uma incongruência com a minha vocação sacerdotal.

— Lamentamos que o sr. dr. Abel, dizendo-se cristão, não aplique a si o que diz dos outros sem razão alguma.

* * *

E o sr. dr. Abel diz ainda: «Bem, quedamo-nos por aqui e... para sempre».

— Pedimos-lhe, em nome do seu prestígio social (!) que não se quede por aí porque se pode vulgarizar a canção que já é da moda.

Lembra-se? «O pardal...».

Quanto à encomendação que quer fazer ao demónio, entendam-se vocês!!!

Veja o respeito com que eu trato o demónio!!!

Carlos Nuno

Professor Manuel José Rodrigues, promovida pelo Sr. Machado Duarte, como Delegado da Legião Portuguesa e por si, como Presidente da Comissão concelhia da União Nacional.

Dizem os que o ouviram que ultrapassou a ladainha de todos os Santos. Agora não é o mesmo. Alto, bem alto: Falou verdade então? ou fala verdade agora? Antes, falou-lhe uma homenagem. Agora... (lembre-se do que disse em Prado, em Paderne e em Viana).

Porquê esta mudança? Foi voluntária, ou é o resultado de um «empurrão»?

Do orador, dir-nos-á se fabrica e lê ou só lê.

Por outras palavras: é autor e leitor? ou só leitor?

Há tempos, alguém, referindo-se ao discurso que o Senhor Professor Lourenço pronunciou, em tom agressivo e quase berado, na Câmara Municipal, no acto da posse do Vice-Presidente, Senhor Professor Nuno Domingues, disse: «discurso que... leu».

Do jornalista, dirá se assina sempre o que escreve, se assina só o que escreve ou também o que lhe pedem. Pedem ou mandam?

Recordará também, das suas lides jornalísticas, aquele célebre processo que moveu ao «Maroto» do Senhor Professor Afonso por o ter mimoseado, com os epítetos de «mentirosos», «reles mentirosos» e «rescrevendo mentirosos» e lhe ter atribuído indelicadamente (?), umas «ferradelas que mais parecem de irracionais», etc., etc., etc.

A justiça zupou-lhe, ou não?

Senhor Professor, ponha tudo em pratos limpos? Gosta de pratos limpos? Se gosta, estamos de acordo.

O que fica dito são apenas sugestões ou achegas, que aproveitará se quiser e como quiser, para ulimar o trabalho auto-biográfico.

Já o podia ter acabado, mas, uma distração inoportuna afastou-o do assunto principal. Fez mistura. Má mistura.

Até me «mimoseou» com uma beliscadela, a mim que não me meti consigo.

Quem o mandou, Sr. Professor?

Não é verdade que tenha feito o pedido de que fala no «Comentando». O Sr. Professor enganou-se.

«Errare humanum est». Reconheça o engano. É uma atitude.

(Continua na 5.ª página)

Efeméride

Cumpriram-se no mês de Setembro 12 anos da revogação do mandato ao rev.º Padre Manuel Lourenço, então vereador da Câmara. Razões: «falta de colaboração e obstruccionismo».

O Presidente de então tinha sido amigo íntimo. O actual, ainda antes da votação, manifestou-se contrário à revogação.

Valeu-lhe a pena! Igualmente se diga de um sacerdote e de quem reuniu, pelo Concelho, assinaturas de desagravo por motivo desta revogação.

Alvissaras

Dão-se a quem der notícias do paradeiro de um pardal sem o leme do vôo, isto é, sem rabo.

Pede-se ao arcabuzeiro do «Notícias de Melgaço» para não virar o arcabuz contra tão ilustre «pássaro», que ficou mutilado nas suas penas, há anos, durante uma refrega.

Diz-se que está quase a perder o «pio».

É bem certo: uma desgraça nunca vem só!...

A VOZ DE MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTONIO VAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILÁRIO VAZ

AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 35\$00 - Estrangeiro 75\$00 * ANO XXIII - N.º 435 - Melgaço, 15 de Outubro de 1969 * Tip. Augusto Costa & C.a, L.da - Telef. 22455 - Braga

Nas vésperas das eleições

**O concelho votará na lista do Governo!
Com o Sr. Governador Civil!
Com o seu Presidente da Câmara!**

É já no dia 26, que o país, de Melgaço a Timor, vai escolher os novos Deputados à Assembleia Nacional.

E um dia decisivo. Temos de votar bem, assim o recomendou o Episcopado Português. Todos temos de cumprir os nossos deveres cívicos. A vibora, ela aí está novamente, no seio de vários partidos da Oposição. Aqueles que nos lembramos dos horrores da guerra civil em Espanha, das invasões da Hungria e Checoslováquia pelos exércitos soviéticos, da perda de independências de vários países da Europa, teremos o devido cuidado de não o esquecer.

Queremos um governo que nos garanta a paz, a ordem, o progresso no nosso país. Queremos um país, grande como o herdamos. Há «oposições» que ameaçam desmantelá-lo, retalhá-lo, vendê-lo. Nós lembramo-nos ainda de como o terrorismo em Angola serrava esposas e filhas, na presença de seus maridos e pais.

Não queremos abandonar as

provincias ultramarinas. Para onde iriam depois as centenas de milhares de brancos, mestiços e negros portugueses que desejassem ser portugueses? — Onde caberiam? E agora que os nossos exércitos mantêm em respeito as hordas inimigas perante o pasmo do mundo, iríamos capitular?

Votamos pela lista do Governo. Sabemos desde já com o que podemos contar. E o Presidente do Governo, Professor Marcelo Caetano, com a Sua generosa e lúcida actuação, já nos diz da sua seriedade em bem servir o país e da abertura e diálogo com Ele. Estamos muito bem com Sua Excelência!

* * *

Esperamos que os interesses do distrito de Viana do Castelo sejam defendidos plenamente. Estão em boas mãos mas temos sido um distrito esquecido. Há graves problemas a resolver. O do turismo, como já foi acentuado em várias reuniões. O das estradas, como essa de Lemas aos Arcos, pela Senhora da Penada, a ligação por Castro Laboreiro com a Espanha e por estrada condigna, a ponte do Peso (em Monção já falam da Bela), a elevação da estância do Peso a outro grau de prosperidade (que pena aquele hotel estar ali abandonado...) as estradas para Parada e Gave, as estradas para todas as freguesias e lugares, numa época

(Continua na 6.ª página)

Vamos às urnas

no próximo dia 26



Doutor José João Gonçalves da Proença
Candidato a Deputado pelo Distrito

No próximo dia 26 realizam-se eleições gerais para deputados. Pelo Circulo de Viana, a lista da União Nacional e assim constituída: eng. António Pereira de Lacerda, Doutor Gonçalves Proença, dr. Júlio Evangelista e major Baptista da Silva.

No dia 10 realizou-se, na cidade de Viana do Castelo, uma sessão para apresentação dos candidatos.

Por ser um trabalho objectivo e esclarecido, publicamos o discurso do nosso prezado amigo, eng. António Pereira de Lacerda, em quem as palavras têm o significado próprio, e a vida pessoal as corrobora integralmente.

Iniciando-se a série de sessões de propaganda da campanha de esclarecimento eleito-

ral deste circulo nesta linda cidade de Viana, que por ser bela e ser a nossa capital tanto representa para todos os homens da Ribeira Lima, sinto que pesam sobre mim, ao falar, dois imperativos: a tradição e a vida.

Tradição que se consubstancia em todos os aspectos da Região onde nasci, me criei e onde todos os laços me prendem à vida que é hoje a projecção no futuro dos meus filhos e que desejo cada vez melhor e mais bela para todos os portugueses.

Tradição que tem as suas raízes na história da nossa querida Pátria, velha de 8 séculos, que passou por muitos

históricos que o precederam, pois a Revolução Nacional foi um grito desesperado da Nação que se via afundar e subverter no desenfreado caminhar que a ninguém agradava.

Há pouco mais de um ano a ansiedade no interior da Nação e a campanha exploradora e agioirenta da imprensa estrangeira acerca da nossa instabilidade política, presagiando tristes momentos, chegaram a inquietar muitos bons portugueses.

Mas o povo, a Nação, respondeu aos agioirentos do interior e do exterior dando ao

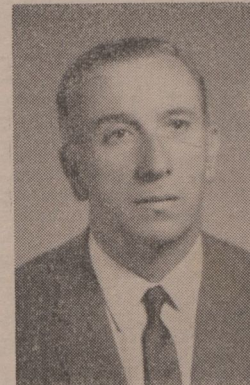


Dr. Júlio Alberto da Costa Evangelista
Candidato a Deputado pelo Distrito

mundo uma extraordinária lição de civismo.

Essa admirável lição de civismo resultou, julgo, de vários factores que dominaram a vida da Nação e que estão bem radicados na alma do Povo: — a paz interna e a sombra majestosa do homem que a forjara, que alguns agora podem querer diminuir, mas que a

(Continua na página 5)



Eng.º Agrónomo António Pereira de Meireles da Rocha Lacerda
Candidato a Deputado pelo Distrito

momentos de grave crise mas a que logo se seguiram outros de franco restabelecimento.

Das ruínas desta Pátria até ao advento, com possibilidade de realização, do actual regime, fala-nos a história; não é mister nem quero repeti-la, embora não seja mau não a esquecer!... Nem mesmo os adversários encarniçados do Estado Novo se sentem muito à vontade para recordar os factos



Major Fernando Artur de Oliveira Baptista da Silva
Candidato a Deputado pelo Distrito

COMENDADOR

P.e José Augusto Alves

O nosso ilustre conterrâneo, sr. Padre José Augusto Alves, da Gave, foi galardoado com o grau de Comendador, conforme despacho publicado no «Diário do Governo», pela Presidência da República.

É uma boa notícia que enche de alegria a todos os amigos do sr. Padre José Augusto Alves. Ele é o Obreiro-Mor do emparcelamento, das terras de Ponte do Lima, obra digna de toda a estima, pelos muitos benefícios que espalha à sua volta.

O sr. Padre José Augusto Alves foi a alma da capela-monumento a Nossa Senhora do Minho, no alto da serra de Arga.

Foi pároco em Paredes de Coura e Monção, onde deixou uma grande obra pastoral. Em Moreira, lá está a casa da Acção Católica, de que foi o grande obreiro. Sacerdote exemplar e dinâmico, teve ainda há dias, o gosto e a honra de levar no seu carro, Sua Ex.ª o Sr. Dr. Marcelo Caetano, a visitar essa grande obra do emparcelamento, em Ponte do Lima.

Ao Comendador, sr. Padre José Augusto Alves, com a nossa admiração e estima, o nosso abraço. Vale a pena trabalhar.

Eleições...

— Ó compadre, que está aí a ler?

— Uma nota do episcopado português sobre o momento eleitoral.

— Essa agora... Então os bispos também se metem na política?!

— Os bispos não se metem na política, pelo menos enquanto ela representa os interesses dum partido ou duma facção, mas têm obrigação de elucidar os fiéis sobre o cumprimento dos deveres cívicos, sobre os valores a ter em conta quando é preciso determinar-se pela entrega dum voto a este ou aquele partido, sobre a contribuição que tem que ser dada pelos fiéis, à luz do Evangelho, na construção da cidade dos homens, para que nela haja paz e justiça.

— Mas que dizem, afinal, os bispos, nesse documento?!

— Começam por dizer que

estão atentos ao actual «momento da vida portuguesa em que a expressão da vontade do povo é pedida sobre a condução dos seus destinos».

— Explique lá isso melhor, compadre!

— Dizem os senhores bispos que lhes não é indiferente o problema das eleições.

— Sempre é o que eu digo!

— Sim, mas não como tu o entendes! Os bispos julgam oportuno lembrar, nas presentes circunstâncias, alguns pontos da doutrina da Igreja sobre a participação dos cidadãos na vida pública.

— É então?!

— Dizem eles que a missão da Igreja não é política, mas religiosa. A Igreja tem como finalidade a salvação dos homens, pela pregação evangélica, formação cristã dos fiéis e comunidades, e vida sacra-

(Continua na 5.ª página)

Várias Notícias da Vila

Professora do Liceu — Foi nomeada professora do Liceu D. Maria II de Braga, a Dr.ª D. Maria do Rosário Vergara Vaz, sobrinha dos nossos Director e Editor e afilhada do sr. Cónego Luis Vaz.

Abílio Vaz — Após ter passado uma temporada na freguesia de Cubalhão donde é natural, partiu há dias para a cidade de New Jersey (U. S. A.), o nosso conterrâneo e estimado assinante sr. Abílio Vaz, grande benemérito dos pobres da sua terra. Ao nosso amigo, desejamos boa viagem e muitas felicidades.

Alferes Eng.º António Manuel Pires — Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria Alexandrina Serrano Marques Pires e filho António Maria, tivemos o prazer de ver nesta vila, de visita à sua família, o nosso conterrâneo sr. Alferes Eng.º António Manuel Pires.

A este nosso amigo, que há dias partiu por via aérea para a nossa província ultramarina de Angola, onde se encontra em missão de soberania, e aos seus familiares, apresentamos os nossos cumprimentos.

Aniversários — No passado dia 18, festejou o seu aniversário natalício a gentil menina Maria Armanda Alves Bandeira, filha do sr. Eduardo Bandeira e da sr.ª D. Maria Emilia Alves Pinto.

Também no dia 15, festejou o seu aniversário natalício a menina Maria Clara da Cunha Lopes, empregada do «Restaurante Snak-Bar» (27), desta vila.

No passado dia 9, festejou o seu aniversário natalício o menino Vítor Manuel de Freitas Rego, filho do nosso conterrâneo e estimado assinante sr. Alberto Rodrigues Rego, funcionário da Secção de Finanças desta vila e da sr.ª D. Zizinha de Freitas Rego.

Desejamos aos aniversariantes que estas felizes datas se repitam por muitos anos e os nossos parabéns.

Nova indústria-Fábrica de carpintaria — No lugar da Granja-Peso, freguesia de Paderne, inaugurou-se há dias uma nova fábrica de carpintaria e marcenaria pertencente à firma «Pires, Rocha & Silva». Dispõe de operários devidamente habilitados e de moderníssima aparelhagem, estando apta a executar todos os trabalhos do género.

Aos seus proprietários os nossos parabéns.

Afonso Rodrigues Rego — No dia 20 de Setembro p. p., festejou o seu aniversário natalício o nosso conterrâneo e estimado assinante sr. Afonso Rodrigues Rego, chefe de vendas da «Austin» na cidade do Porto, que teve a gentileza de oferecer um lauto jantar a cerca de vinte amigos no conceituado «Hotel da Penha», em Guimarães.

Ao nosso amigo, que há dias esteve nesta vila acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria Luisa Horta Rego, desejamos que esta data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

Honra ao mérito — Apresentaram provas de aptidão à Escola de Enfermagem nos Hospitais de Santo António e Escolar de S. João, da cidade do Porto, onde obtiveram honrosa classificação, tendo sido aprovadas, as meninas Irene Rodrigues Dias, Florinda Rodrigues Dias e Armanda Rodrigues Dias, filhas do sr. Daniel Dias e da sr.ª D. Vitalina Rodrigues, naturais da freguesia de Merufe, concelho de Monção, as quais se encontravam até esta data ao serviço do Hospital da Misericórdia de Melgaço.

Auguramos às futuras enfermeiras a soma de felicidades a que tem jus e os nossos parabéns.

Casamento — Na igreja paroquial da freguesia de Penso, realizou-se há dias o enlace matrimonial do sr. Artur Fernandes, do lugar do Pombal, Remoães, com a menina Maria Idalina Esteves Rodrigues, do lugar de Paranhão daquela freguesia.

Foram padrinhos o sr. Luis Novoas e esposa sr.ª D. Maria Rosalina Trancoso.

No fim do acto foi oferecido um opíparo almoço a inúmeros convidados na conceituada «Pensão Boavista» da Estância Termal do Peso.

Ao gentil casal desejamos felicidades.

Manuel José Gonçalves — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver nesta vila o nosso conterrâneo e estimado assinante sr. Manuel José Gonçalves, 1.º sargento artilheiro da Armada, acompanhado de sua esposa sr.ª D. Isabel Guerreiro Gonçalves.

Ao nosso amigo, que há poucos dias chegou da nossa província ultramarina da Guiné, onde se encontrava em missão de soberania, apresentamos os nossos cumprimentos.

Tenente Coronel, Engenheiro Arnaldo Gromicho — De visita à Sr.ª D. Maria Hígina de Magalhães Fernandes Pinto, estiveram no «Solar da Calçada» desta Vila, o Sr. Tenente Coronel Engenheiro Arnaldo Gromicho, acompanhado de sua Ex.ª Esposa.

Ao ilustre oficial da Força Aérea Portuguesa, apresentamos os nossos cumprimentos.

Manuel Augusto Lopes — Em gozo de merecidas férias, esteve entre nós durante alguns dias, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Manuel Augusto Lopes, escrivão de 1.ª Classe do Tribunal da Comarca de LOURES.

Os nossos cumprimentos.

Capitão Augusto Manuel Contente de Sousa — Após ter cumprido a sua missão de soberania, na nossa província ultramarina de Angola, regressou à Metrópole o nosso conterrâneo, sr. Capitão Augusto Manuel Contente de Sousa, filho de Manuel Contente de Sousa e da sr.ª D. Maria Ribeiro Lima Contente de Sousa.

Ao ilustre oficial, que tivemos o prazer de ver nesta Vila, apresentamos os nossos cumprimentos.

Sérgio da Rocha — Acompanhado de sua irmã e cunhado, tivemos o prazer de ver nesta vila, de visita aos seus familiares o nosso conterrâneo, sr. Sérgio da Rocha, funcionário superior da firma Alemã «SCHENKER» em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Armando Vieira — Em casa de sua sogra, sr.ª D. Maria de Lurdes Alves, na Portela do Couto, estiveram a passar férias, o sr. Armando Vieira, distinto comerciante e industrial em Lisboa, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Céu Maria Alves da Paula Vieira e filhos Alberto José, e Carlos Manuel.

Os nossos cumprimentos.

DR. ALEXANDRE AMORIM
ADVOGADO
Herculano Lima da Silva
SOLICITADOR
Com ESCRITÓRIO nesta vila

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO
SOLICITADOR
★
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Abel Augusto Vaz
ADVOGADO
Escritório
Registo Civil Tel. 42240
MELGAÇO

Banco Fernandes Magalhães

PORTO

SEDE — Rua de Sá da Bandeira, 39 } Telef. 28241/5 } (6 linhas)
» 29474 }
DEPENDÊNCIAS — Rua das Flores, 332 } » 21861
Praça Almeida Garrett, 6 } » 28241
17 - Rua de Sá da Bandeira - 19 } » 53452
R. Fernandes Tomás (Edif. Burs.) } » 28:41

LISBOA

FILIAL — Praça D. Pedro IV, 51 e 53
a abrir brevemente) Rua 1.ª de Dezembro, 82

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Arquitecto Silvestre Lomba — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver nesta Vila, o sr. Arquitecto Silvestre Lomba, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Helena Ribeiro Lomba e filho Pedro Manuel, residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Professor António Domingues — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver nesta Vila, o nosso conterrâneo, sr. Professor António Domingues, acompanhado de sua Ex.ª Esposa, residentes em Gondomar.

Os nossos cumprimentos.

Arménio de Melo — Em gozo de merecida licença, passou uma temporada entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Arménio de Melo, Sub-Chefe da P. S. P. acompanhado de sua esposa e filhos, residentes em Braga.

Os nossos cumprimentos.

Vindos de França — Encontra-se no lugar do Granjão, freguesia de Paderne, vindo de França, o nosso estimado assinante sr. Manuel Codesso, acompanhado de sua esposa e filho.

Os nossos cumprimentos.

António Fernandes — Acompanhado de sua esposa e filha, tivemos o prazer de ver nesta vila o nosso conterrâneo e estimado assinante sr. António Fernandes, funcionário da Repartição de Finanças, em Braga.

Os nossos cumprimentos.

Manuel Lourenço — De visita à sua família, esteve entre nós durante uma temporada em gozo de merecida licença o nosso conterrâneo e estimado assinante sr. Manuel Lourenço, agente da P. S. P., na cidade do Porto, acompanhado de sua esposa sr.ª D. Irene Afonso Lourenço e filhos.

Os nossos cumprimentos.

Henrique de Castro — Depois de ter passado uma temporada nesta vila, partiu para França, o nosso conterrâneo sr. Henrique de Castro, acompanhado de sua esposa sr.ª D. Irene de Sousa e Castro e filha Rosa Maria.

Ao nosso amigo que é um grande benfeitor do «Lar de S. José» e que há dias inaugurou a sua nova residência construída no lugar do Fecho, tendo sido benzida pelo sr. rev.º P.º Carlos Vaz, Arcipreste do concelho e presidida pelo sr. rev.º P.º Justino Domingues, Pároco da vila.

No final, foi oferecido um fino «copo d'água», a inúmeros convidados.

Os nossos cumprimentos e parabéns ao amigo Henrique.

José de Freitas — De visita aos seus familiares, esteve durante alguns dias no lugar de Telheiro, freguesia de Rouças, o sr. José de Freitas, funcionário da Santa Casa da Misericórdia, em Lisboa, acompanhado de sua esposa e filho.

Os nossos cumprimentos.

Ilusionismo «Mr. Feller» — Em todos os cafés desta Vila, e também nos de todo o concelho, actuou há dias o muito conhecido Ilusionista Português «Mr. Feller», que, com os seus truques, deixou boa impressão a todas as pessoas que assistiram aos seus espectáculos.

Os nossos aplausos.

Vendem-se

Três campos de rega e um de seca, próprio para construção, na estrada da Lodeira — Monção.

Informa «Noticias de Monção».

Anúncio na «A VOZ DE MELGAÇO»

Casa Pires

de Caetano Pires

Materiais de construção civil, acessórios agrícolas adubos químicos e Tractor aos melhores preços Transporta todos os materiais para qualquer localidade.

PARADA DO MONTE — MELGAÇO

VENDE-SE

Portela do Couto — Chaviões

Várias propriedades, junto e próximo à Estrada Nacional, com muita água, vinho e casa de caseiro. Casa de moradia com todo o conforto, água própria, luz, adega, canastos e rossios, com propriedade junta.

TRATA E INFORMA

Maria de Lourdes Rodrigues Aboes

Telef. 42169 — PORTELA DO COUTO

De Castro Laboreiro

Outubro, 5

Concurso Canino — Organizado pela Intendência de Pecuária de Viana do Castelo, de acordo com o regulamento oficial de Exposição Caninas e com o patrocínio do Clube Português de Canticultura, realizou-se, pelas 16 h. de hoje, nesta freguesia, o concurso de cães de raça «Cão de Castro Laboreiro».

— O primeiro prémio coube a um cão pertencente à senhora Benezinda Gonçalves, o qual foi premiado com uma taça, uma medalha dourada, mais outra medalha como prémio de raça e 200\$00 em dinheiro;

— O segundo prémio foi atribuído a um cão da Senha Ortelinda Gonçalves que foi contemplado com uma taça, uma medalha dourada e 200\$00 em dinheiro;

— O terceiro prémio foi para um cão pertencente à senhora Sara Fernandes, tendo-lhe sido atribuída uma taça, uma medalha dourada e 50\$00 em dinheiro.

— Além destes prémios foram ainda atribuídos outros a vários exemplares, medalhas douradas, prateadas e de cobre bem como importâncias em dinheiro de 50, 100 e 150\$00.

Casamento Elegante — Há dias uniram-se em matrimónio a menina Maria de Jesus Esteves, filha do nosso amigo, sr. José Joaquim Esteves (Covelo), proprietário do Café «Castrejo» e da sr. Palmira Rodrigues do lugar da Vila, com o sr. Adelino Domingues, filho do sr. Domingos Domingues (falecido) e da sr. Maria Rosa Esteves, do lugar de Várzea Travessa. Findas as cerimónias religiosas o cortejo seguiu em numerosos carros para o Peso, onde teve lugar o repasto na «Pensão Boavista». Ao fim da tarde o cortejo regressou novamente a esta Vila onde teve lugar o tradicional bailarico que se prolongou até altas horas da madrugada.

Os nossos parabéns.

Visita inesperada — Há dias tivemos o prazer de abraçar nesta vila, o nosso grande amigo, sr. Manuel Gonçalves, Dig.^{no} 1.º Sargento da Armada que se encontra a gozar férias, com a sua Ex.^{ma} Família, no lugar da Quinta, freguesia de Rouças e veio dar um passeio a Castro Laboreiro onde teve a amabilidade de nos fazer uma visita.

Os nossos agradecimentos.

Outubro, 8

Coisas do Arco da Velha — Há por cá umas pessoas, embora poucas e valha-nos isso, que não tem nada que

fazer e assim passam o tempo sentadas no largo do Eirado a desenferujar a lingua com quem aparece e, quando não tem ninguém que lhes ligue vão procurar quem quer que seja para falar de tudo e de todos.

E o que se passa com uma tal Beleza Afonso, mais conhecida pela («Carvoeira»). Esta senhora ou menina, depende dos gostos, se tiver quem lhe dê treta fiada, em pouco tempo, é capaz de arranjar coisas para toda a gente, por mais humilde que seja, menos para ela... e se alguém lhe disser o contrário vai até ao ponto de começar logo a «bofetada»

Há dias foram as vítimas a Senhora D. Braselina Alves, Chefe da Estação dos Correios desta Vila e seu marido o sr. Albertino.

Segundo nos disseram, a Beleza dirigiu-se à Estação para selar uma carta; como tivesse peso a mais foi-lhe dito que era necessário mais dinheiro.

A Beleza não viu bem esta atitude de ter que dar mais dinheiro para selar a carta e, sem perda de tempo logo começou a mandar vir e a pôr os seus habituais defeitos à Sr.ª Chefe da Estação e ao seu marido. Como aquele local, embora público é para lá entrarem pessoas com respeito e educação e que isso é fruta desconhecida para aquela Senhora, o Sr. Albertino aconselhou-a a sair da Estação e, como resistisse pegou-lhe no braço e obrigou-a a sair mas esta sem perda de tempo estendeu-lhe uma daquelas valentes bofetadas.

O sr. Albertino se não fosse a vergonha de bater numa mulher com certeza que lhe dava o troco mas assim levou e calou. Depois disto só abandonou a Estação quando ouviu a sr.ª Chefe a telefonar para o posto da Guarda Fiscal. Como não ficou satisfeita, no dia seguinte foi para Melgaço onde apresentou queixa no posto da G. N. R. daquela Vila.

Resta-nos dizer que embora isto acontecesse cá em Castro Laboreiro é gente de fora, lá dos lados de Riba de Mouro. — C.

Dr. Oliveiros Rodrigues
ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

«MANCOZAN AZUL»

Pó molhável micronizado ideal para as suas sulfatações. Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha sulfatada com este produto, e tirará esta conclusão: MELHOR NÃO HA.

Patente 1.ª ROHNU E HAAS C.ª - U. N. A., n.º 3951

Agente distribuidor: Miguel Jb. G. Pereira

MELGAÇO

De Chaviães

(Atrasada na Redacção)

CASAMENTO — Há dias na Igreja Paroquial desta freguesia, realizou-se o enlace matrimonial do nosso conterrâneo Sr. Augusto Cândido Gonçalves, filho do Sr. Cândido António Gonçalves e da Sr. Amélia do Nascimento Esteves, com a menina Marcelina de Jesus Domingues, filha do Sr. Amadeu Afonso Domingues e da Sr.ª Rosa Domingues.

Paraninfaram por parte do noivo o Sr. Joaquim Gonçalves e sua esposa Sr.ª Umbelina Gonçalves e por parte da noiva o Sr. Armando Manuel de Araújo e esposa Sr.ª Marcelina de Jesus Pinto.

No fim do acto, os noivos e convidados, dirigiram-se para esta Vila, onde na Pensão do Sr. Augusto Miguel Domingues (Carlot), foi servido um opipar almoço a cerca de 130 pessoas.

Ao gentil casal, que já partiu para França onde residem, desejamos muitas felicidades.

FESTA DE DESPEDIDA DOS EMIGRANTES — No passado dia 13, para despedida dos rapazes desta freguesia, que trabalham em França e que vieram cá passar férias, realizou-se uma festa muito animada, sendo esta freguesia visitada por algumas centenas de pessoas de várias localidades do nosso concelho e também de Monção.

Abrilhou esta festa a categorizada «Orquestra Miramar» de Pontevedra (Espanha).

Aos nossos rapazes, desejamos, boa viagem e muitas felicidades.

FALECIMENTO — Na sua residência, do lugar da Portela, desta freguesia, faleceu há dias o nosso velho amigo e conterrâneo Sr. Manuel António de Carvalho (o Ferreiro), casado de 83 anos de idade, pessoa muito estimada nesta freguesia, pelas suas qualidades, carácter e bondade.

O seu funeral realizou-se para o cemitério Paroquial com grande acompanhamento.

A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

JOSÉ ESTEVES — Acompanhado de sua Esposa e como nos anos anteriores, esteve nesta freguesia de visita à sua família o nosso conterrâneo Sr. José Esteves, residente em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

ANTÓNIO ABÍLIO DA CUNHA — Após ter passado uma temporada entre nós e de visita

Casa da Sorte

detém há 28 anos, ininterruptamente, o recorde na venda de prémios grandes!

Na EXTRACÇÃO de 4-10-66g
vendeu outra vez

2

DOS MAIORES PRÉMIOS

67348 — 3.ª PRÉMIOS

400 CONTOS



Também no Concurso do Totobola realizado em 5-10-69, a

CASA DA SORTE

deu, tanto nos seus estabelecimentos da Metrópole, como do Ultramar, e pela quinta vez em cinco semanas consecutivas, numerosos «trezes», graças aos sistemas uranianos, que tanto êxito têm alcançado.

NÃO HESITE! PARA TER SORTE

na LOTARIA e no TOTOBOLA, prefira a

CASA DA SORTE

A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

Braga — Porto — Coimbra — Lisboa — Luanda
Lobito — Lourenço Marques

à sua família, partiu para a Alemanha Ocidental, onde reside o nosso conterrâneo Sr. António Abílio da Cunha acompanhado de sua Esposa.

Desejamos-lhe boa viagem e oxalá que no próximo ano nos visite.

AMADEU AUGUSTO ALVES — Acompanhado de sua esposa Sr.ª D. Maria de Lurdes Alves, tivemos o praezr de ver nesta freguesia o nosso ilustre conterrâneo Sr. Amadeu Augusto Alves, funcionário da «K. L. M.» em Amesterdão (Holanda).

Ao nosso querido amigo, e a sua Ex.^{ma} Esposa, apresentamos os nossos cumprimentos.

De PRADO

(Atrasada na Redacção)

FALECIMENTO — Em 8 de Setembro, no lugar de Bouça Nova, desta freguesia de Prado, depois de prolongados sofrimentos, deixou de pertencer ao número dos vivos, Eugénio José Taboas, de 33 anos de idade, era casado com D. Maria Fernanda Pinto, pai de dois filhos de tenra idade, de 5 anos e um ano, deixando-os na orfandade.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte incorporando-se no mesmo dezenas de pessoas de todas as classes sociais. Desaparece

assim para sempre, mais um componente da afamada Banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, que presentemente se encontra desorganizada, até à data do seu falecimento pertencia à bem conhecida Orquestra de Prado, tanto ele como seu avós, tios sempre foram apaixonados pela música!... A toda a família em luto apresentamos o nosso cartão de sentidas condolências.

CHEGADAS — Da Praia de Ancora, regressaram: Manuel José Gomes de Sousa e esposa; Justeniano Gonçalves Ribeiro, esposa e filhas; Artur Dantas, esposa e filhos; Júlio Joaquim de Barros e esposa; D. Afra Gomes Pombeiro e irmãs D. Maria Ester Ribeiro, D. Esmeralda Ribeiro, Menina Teresa de Castro.

DE LISBOA — D. Maria da Paz Calheiros Gonçalves e filhos, donde já regressaram Alípio Gonçalves e Sobrinhas, Ricardo de Castro, esposa e filhos, que já regressou.

PARA O PORTO — Seguiu o Senhor Professor Alfredo Peixoto de Almeida e Ex.^{ma} esposa D. Maria Edite Pombeiro de Almeida.

DE FRANÇA — Regressou o nosso amigo António Barreiros.

Assine, Anuncie e Propague
«A Voz de Melgaço»

Renovamos
a cada dia
a nossa tradição
de bons serviços

CORRESPONDENTE NO BRASIL:

BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S. A.

RUA DO OUVIDOR, 86 — RIO DE JANEIRO



Organização Bancária

PINTO DE MAGALHÃES

Rua de Sá da Bandeira, 53 — PORTO
Rua do Ouro, 95 — LISBOA
Praça da República — MELGAÇO

AGENTES E CORRESPONDENTES EM
TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

Resposta a um quarto de

"As incongruências,"

do Dr. Abel Vaz

Diz ele: 1.ª — «Era minha intenção calar-me».

Resposta: Não se calou e fez mal. «O silêncio é de ouro» quando...

Se se tivesse calado poupava-me esta resposta.

2.ª — «Havia deliberado já pôr ponto final à conversa «fiada»».

R.: Faltou à deliberação. Primeiro andou para diante, depois andou para trás; andou para diante, e bem, quando deliberou, andou para trás, e mal, quando faltou.

O povo, àquele que diz sim e depois não, àquele que anda para diante, e depois para trás, mimoseia-o com esta frase: é como o caranguejo.

Foi o sr. dr. Abel quem começou a conversa «fiada». É o dr. Abel que a continua. Se é «fiada» para que a continua? Porque faltou à deliberação de lhe pôr ponto final?

Foi infeliz! Caiu na falta (?) que critica! O sr. foi o principal culpado de tudo.

Quem se limita, como eu, a responder, ocupa a posição de legítima defesa.

Podê dizer-me se a culpa já casou? Ninguém a quer, pois não? Desta vez é sua!

3.ª — «Porque só discuto o que vale uma discussão».

R.: O sr. dr. Abel discutiu e retrucou e, portanto, no seu entender, o assunto valia a discussão.

4.ª — «Porque eu não discuto com toda a gente».

R.: Obrigado pela distinção que me concedeu: discutiu comigo. Também discutiu com o sr. P.º Carlos Nuno. Ele que lhe agradeça. Eu não tenho procuração.

5.ª — «A discussão no ponto em que o sr. Prof. Rodrigues a pôs e o sr. P.º Carlos Nuno a sustentou, já cheira mal».

R.: Quem a pôs em tal ponto foi o sr. dr. Abel e a família da «Gráfica».

Nós limitamo-nos a responder. A resposta vem depois da pergunta. Se tem culpa quem responde, maior culpa tem quem pergunta.

O sr. perguntou. Os srs. perguntaram.

«Já cheira mal». Talvez. Não posso pronunciar-me porque não tenho nariz para isso. Parabéns por ter detectado o tal cheiro desagradável. O sr. tem andado sempre na vanguarda. Sabe qual é a posição do camisolão amarelo?

6.ª — «As suas falsas afirmações são desmentidas pelas próprias pessoas que cita».

R.: Quem lhe disse que as afirmações são falsas? Prove que são falsas. Não basta afirmar gratuitamente. Sabe o que é apresentar provas?

Quadra Popular

Se ouvires tocar o sino,
saírem as irmandades,
não perguntes quem morreu,
que morri com saudades...

Quais são as pessoas que citei, e me desmentem? Responda, por favor, para eu lhe dar o «troco».

Não fuja às perguntas. Já lhe fiz várias e o sr. não respondeu. Covardia? Medo? Eu sei lá!... O sr. que diz?

7.ª — Dirigindo-se ao sr. P.º Carlos Nuno, diz: sem rancor! «Porque tiveram tanta pressa em estender a mão a um inimigo? Aliança de interesses? Sim, talvez essa aliança. Talvez a ponte Hospital-Câmara justifique muita coisa»...

R.: Aqui é que eu queria ver o homem sem covardia e sem medo, o homem de alma lavada e espírito construtivo a explicar o que afirma e as razões do que deixa no ar com a expressão: talvez.

a) É censurável estender a mão a um inimigo? «Tanta pressa». Sabe o que significa esta expressão? Porque lhe causa engulhos a harmonia entre duas famílias? Gostaria de saber os motivos. Terá o sr. a coragem de os apontar? Veremos.

b) Sobre a «ponte Hospital-Câmara» muito nos pode dizer. Fale, fale, Doutor. Não seja mudo. Nós desejamos ouvi-lo. O sr. alguma vez falou com o sr. dr. Felgueiras sobre o caso da Câmara? E sobre os assuntos do Hospital? E o sr. dr. Sidónio? E o sr. P.º Araújo? Meros acompanhantes ou também actuantes? Se actuaram, actuaram em conjunto, em «trio», ou em separado?

Quantas vezes falaram com o sr. dr. Felgueiras? Por lá andaram e por lá foram vistos. Falaram só da Câmara ou também do Colégio? Falaram os três? Falou só o dr. Abel? O dr. Abel e o P.º Araújo? O P.º Araújo e o dr. Sidónio? O dr. Abel e o dr. Sidónio?

Fale Doutor, fale. Muito nos pode dizer. Sabe quem convidou um Senhor de Melgaço para Vice-Presidente da Câmara? (Não me refiro ao sr. Professor Nuno).

Sabe quem eram os Vereadores?

Em resumo: Sabe qual era o elenco «ministerial» camarário?

Quem era o pretendente à Presidência da Câmara? Um só candidato ou dois candidatos? Era das direitas ou das esquerdas?

Já tinham escolhido alguns futuros presidentes de junta?

Que nos diz do célebre «Movimento» de que falou o sr. Abade de Fiães?

Quem é o homem da batuta? Quem são os componentes da orquestra, isto é, do «Movimento»?

Qual a finalidade de derrubar o Presidente da Câmara?

O sr. pertence? E o sr. P.º Araújo? E o sr. dr. Sidónio? E o sr. P.º Bento? E o sr. Professor Lourenço? Eu não afirmo nem nego, pergunto. Quem pergunta não ofende.

Sr. dr. Abel faça uma reportagem à altura dos seus pergaminhos. Material não falta. Valeu?

Oxalá que não fuja para outros assuntos, como costuma. Como tem facilidade em deslocar-se, isto é, em passar de uns assuntos a outros!...

1.º P. S. — Estamos de acordo quanto ao significado da palavra troco?

2.º P. S. — Será que a dita discussão «já cheira mal» ao sr. dr. Abel, por eu lhe ter feito várias vezes a mesma pergunta? Pois o sr. dr. Abel, nem uma só vez respondeu!... A culpa é de quem não responde.

António Rodrigues

O «Desmentido», do Sr. Abade de Fiães

No «Desmentido», entre muitas outras coisas que agora não tenho tempo de analisar, diz o sr. Abade de Fiães: «Não respondendo a Sua Rev.ª — esta Sua Rev., sou eu — porque julgo a sua atitude indigna duma resposta».

— Se julga a minha atitude indigna duma resposta, julga mal. Há um ditado que reza assim: — «Quem se não sente, não é de boa gente». Este ditado encerra mais filosofia do que a que nós levamos na nossa bagagem. Continuemos: — o sr. faz-me lembrar o caranguejo. O «Desmentido» que publicou no «Notícias de Melgaço», de 25-9-1969, foi para desmentir alguém. Esse alguém sou eu. E o sr. Abade quer desmentir-me, sem responder? — Não é possível.

O sr. disse: — não respondo! E respondeu. É o mesmo que dizer: — sim! E dizer: — não! Ora quem diz sim e diz não, não sabe o que diz.

* * *

Então a minha atitude de repulsa pela ameaça da publicação de «Coisas contra a família», é indigna?

Se a minha atitude é indigna, é digna a sua acusação e a sua ameaça. A dedução está filosoficamente certa.

Concorda? Que ironia!... Que ironia!... Que ironia, sr. Abade!...

A sua lógica terá sofrido a influência da «lógica espanhola» do dr. Sidónio?

Não me diga, sr. Abade, que não há ameaça no recado que o sr. Sargento Marques transmitiu. Só a não vê um pacóvio, um imbecil, um estúpido, um estrábico, um cego, Aliás, nem o sr. Abade, nem o sr. Sargento, negaram as palavras: — «Coisas contra a família».

Dizem, o sr. Abade e o sr. Sargento, que o recado foi dado e apresentado, respectivamente, em tom de «reconciliação e harmonia».

Quem pode acreditar em tal patranha?

1.º — O tom não me foi transmitido.

Só se fosse gravado...

2.º — Mesmo que o recado fosse dado de joelhos, mãos postas, cabeça inclinada, quinze graus, para a frente e vinte para o lado esquerdo — atitude seráfica — e voz bichanada de beata, as palavras «coisas contra a família» não perdiam a sua agressividade.

Quem o duvida? Se há por aí alguém que se julgue capaz de me provar que as expressões: «Coisas contra

Pequeno comentário a um «Esclarecimento»,

O sr. Armando Gonçalves, funcionário de finanças, publicou — quem lhe pediu, sr. Armando? — um «Esclarecimento» no «Notícias de Melgaço» de 25 de Setembro deste ano.

Foi infeliz, muito infeliz. Tão infeliz que até esclareceu o que não desejava, e não o que desejava. Foi ingrato, muito ingrato. Ora veja: o sr. pagou alguma

coisa ao sr. P.º Carlos Nuno por ter presidido ao funeral de sua saudosa mãe? Ou ele lhe apresentou alguma conta?

Que significa este gesto? Não significa nada para si?

E como correspondeu a esta delicadeza, atenção e consideração do sr. P.º Carlos Nuno?

Veja e medite no que escreveu no dito «Esclarecimento»: «Foi o sr. P.º Carlos Nuno que «à última hora» mudou tudo o que estava previsto, sem prévio aviso a ninguém». Isto não é verdade. Confronte esta afirmação com o relato do jornal «Notícias de Melgaço» de 10 de Setembro do ano em curso. Diz o jornal: «Em casa de seu filho sr. Armando Gonçalves... faleceu no lugar de Cavaleiros... a sr.ª D. Deolinda do Rosário Doureiro... Teve grande acompanhamento até à última (sic.) morada».

Como se compreende que o funeral tenha tido grande acompanhamento se o sr. P.º Carlos Nuno mudou tudo à última hora sem prévio aviso a ninguém?

As pessoas que fizeram parte do grande acompanhamento, adivinham?...

Continua o relato: «...sendo transportada no auto-funébre dos B. V. de Melgaço, acompanhada de um piquete daquela corporação».

Ora, como no dizer do sr. Armando, o sr. P.º Carlos Nuno, mudou tudo o que estava previsto, à última hora, sem prévio aviso a ninguém, o motorista adivinhou e também adivinhou o piquete. Quem os avisou do horário, itinerário, etc., etc.? Ninguém! Adivinharam! Adivinharam ou não, sr. Armando?

Diz ainda o citado jornal: «No lugar da Ferraria aguardava a sua chegada grande número de pessoas... assistindo à Santa Missa e ofícios de corpo presente».

A gente da Ferraria em «grande número» adivinhou, e os sacerdotes que tomaram parte nos ofícios adivinharam!

Sim, porque no dizer do sr. Armando, o sr. P.º Carlos Nuno «à última hora, mudou tudo o que estava previsto, sem prévio aviso a ninguém».

Para o que lhe deu, sr. Armando! O sr. pôs tudo a adivinhar: povo, motorista, piquete, sacerdotes!!! Só uma pessoa não adivinhou!... Já é ter azar!...

Sr. Armando, como concilia o relato do jornal com o seu «Esclarecimento»?

Quem mente? Sim, quem mente?

Nós precisamos saber quem é

mentiroso, para o amarrarmos, como tal, ao pelourinho da opinião pública.

Foi ingrato, sr. Armando! Foi infeliz, sr. Armando! Escreveu e assina o intruso (parceiro do dr. Abel Vaz).

ANTÓNIO RODRIGUES

a família» do sr. Abade de Fiães e «documento comprometedor» do sr. dr. Sidónio, não são agressivas, apareça, para discutirmos. Está lançado o repto, o desafio aos do «Movimento», tanto aos do activo como aos da reserva. Cá espero o mais corajoso e o de melhor arcabojo intelectual, para lhe dar uma trepa.

Não me julguem valentão. Não sou valentão. A verdade é que é valentona.

O sr. Abade diz que o recado — o célebre recado! — «foi dado na presença de pessoas categorizadas». Sr. Abade, já reparou que ao falar diante de pessoas categorizadas, em coisas contra a minha família, difamou e injuriou! E o sr. disse que a estima! — A estima prova-se por obras e não por palavras.

ANTÓNIO RODRIGUES

1.º P. S. — Esta resposta serve em parte — mutantis mutandis — para o sr. dr. Sidónio e para o sr. Sargento Marques.

2.º P. S. — Peço ao sr. Abade de Fiães, diga o sr. Sargento Marques que a carta dirigida a V. Rev.ª devia ter outra direcção: — a minha.

A. Rodrigues

Carta Aberta ao Sr. Dr. António José Rodrigues

Senhor Doutor:

Li o seu «Desmentido», publicado no «Notícias de Melgaço», em 25 de Setembro do ano em curso.

A minha resposta, para quem sabe ler e interpretar, está contida no próprio «Desmentido». O «Desmentido» não é desmentido. O que é que desmente? Nada.

O sr. Doutor confirma o recado oral que transmitiu, ao escrever: «Foi verdade, que durante a conversa houve referência a tal documento comprometedor» para o Presidente da Câmara (obrigado, sr. Dr., scripta manent).

Isto basta, para podermos afirmar, peremptoriamente, sem receio de sermos desmentidos por pessoas honestas: Nós temos razão e o sr. Dr. Artur está connosco.

O sr. Dr. diz-se magoado. Acreditado. Só nego que tenha sido eu o

(Continua na 6.ª página)

Vamos às urnas no próximo dia 26

(Continuação da 1.ª página)

história colocará no alto lugar a que a sua vida e a sua imensa personalidade, têm direito — o Dr. Oliveira Salazar — e ainda as certezas políticas que vivemos — política externa avizada, política ultramarina certa, segura e de acordo com os verdadeiros interesses da Nação e uma sábia e prudente política financeira.

Tudo continua, não houve solavancos e um novo Presidente do Conselho foi nomeado no cumprimento fiel da Constituição. Logo de início, no seu primeiro discurso, rodeado de toda a expectativa que o momento justificava, o Senhor Dr. Marcelo Caetano deu estas certezas:

- respeito pela Constituição;
- continuidade do regime nas suas bases fundamentais;
- promessa de evolução do mesmo no sentido de melhorar a vida dos portugueses.

As certezas que possuímos dão-nos força para modificar de forma construtiva deficiências palpáveis que aos governantes e governados preocupam no sector económico, onde o desenvolvimento não se tem processado ao ritmo que todos desejaríamos, embora o progresso económico seja nitido e inofensível. Vemos publicados pelos Serviços Officiais, analisados pelos técnicos responsáveis, estudados em conferências e colóquios, as nossas dificuldades, os nossos atrasos, sem nada esconder, mas também sem alardes demagógicos, para reflexão de todos os nacionais e também estrangeiros, de boa e de má vontade.

As dificuldades económicas não são porém apanágio do nosso País nem nele causam maiores perturbações que em outros em que também os Governos se afadigam para as resolver, usando em alguns casos métodos seguros de sã e realística política económica e, em outros, métodos fictícios de demagogia fácil — e não é isto que nós queremos. O que queremos é construir bem, assentes em seguros alicerces. E os exemplos vêm tanto dos países do Leste, como do Ocidente ou da América Latina, onde por toda a parte se nota o inconformismo das populações com o nível de vida em que vivem, o que é absolutamente razoável, em muitos casos, mas de certo modo excessivo em outros, pois não se pode distribuir o que não existe.

E aqui, queremos deixar uma palavra que é uma promessa. Tudo fazer para o crescimento do rendimento nacional e por outro lado pugnar por todos os meios ao nosso alcance por uma melhor distribuição desse rendimento de forma a estabelecer um desenvolvimento harmónico em que todos os portugueses possuam uma parte apreciável e justa da riqueza nacional.

E prometemos assim, pois que defensores de posições de

vanguarda, revolucionárias em alguns casos, tanto no aspecto económico, como no social, e não são muitas vezes aqueles que aos quatro ventos o apregoam com os fins que sabem e que sem dificuldades se adivinham, mas sim os que na actuação de todos os dias, seja pública seja privada, dão exemplo dessa sua forma de pensar e de agir.

E porque apenas nos norteia o serviço da Pátria e da nossa querida Região, sem vaidades nem ostentações, como quem se apresenta ao cumprimento de um dever, aqui estamos para, reconhecendo o muito que está feito, dizer que há ainda muito para realizar — e neste muito para realizar sinto que os tempos, a política, os nossos dias levantaram inúmeros obstáculos, impediram que fossem postas em execução soluções que pareciam possíveis. Fomos forçados a desviar-nos, em determinados sectores, para um apoio efectivo ao esforço a realizar no Ultramar, que é e queremos que continue sendo parte integrante da Pátria comum, mas esses desvios criaram por outras vias novas possibilidades, abriram novas perspectivas de que muito em breve verificaremos os frutos.

Mas não posso esquecer nesta nossa Região em que estou ligado à indústria e à agricultura — que uma e outra suscitam múltiplos problemas, sérios, difíceis, mas que devem ser enunciados, estudados e resolvidos, dentro de um bem elaborado esquema de planeamento regional.

Quanto à indústria, muito há a fazer, pois pouco existe, mas o futuro nos dirá com toda a certeza, que o polo de desenvolvimento que irá ser criado muito em breve vai ser dinamizador de empreendimentos, aglutinador de vontades, todos trabalhando com os olhos postos no enriquecimento da Região. E uma região progride na medida que desperta, aceita e se integra numa orientação, algumas vezes destravada pela concretização de um esforço, já que a orientação teórica se fica em geral pela teoria...

E a agricultura apresenta, para a elevar a um nível de produção que é possível, a oferecer rendimentos e salários aqueles que a ela estão ligados e que compensem mais largamente o seu trabalho e o seu esforço, um sem número de questões. E elas dizem respeito aos proprietários das terras, aos arrendatários e aos trabalhadores agrícolas.

Todas elas existem e têm que ser resolvidas sem choques nem demagogias. De cada vez mais os economistas que fazem economia e não política de facção, procuram as soluções que não causem desequilíbrios nem perturbações injustificadas. E uma economia agrícola tradicional, como é a da nossa Região, terá certamente que sofrer transformações, mas que elas sejam de molde a promover o enriquecimento colectivo sem atentar contra os interesses particulares legítimos.

Não podemos esquecer a função social da propriedade e a

Nas vésperas das eleições

(Continuação da 1.ª página)

em que até o tractor tem de seguir para todos os lados, a luz eléctrica, o problema dos preços agrícolas e da lavoura, etc., etc.

Vamos votar com o Sr. Presidente da Câmara. Vamos dizer-lhe que apreciamos o seu trabalho, a sua seriedade, o seu esforço. É um plebiscito. Uma votação mecia pela lista do Governo, dá ao Sr. Presidente da Câmara maiores possibilidades de actuação nas esferas governamentais.

Vamos votar!

* * *

Uma nota tocante: — Esteve há dias em Melgaço o Sr. Ministro das Corporações com os Senhores candidatos a deputados pelo distrito. Não puderam estar à hora marcada para a reunião que houve com elementos de todas as freguesias, Juntas, Regedores, etc. Pois o Sr. Ministro com uma simplicidade tocante convidou alguns elementos de mais longe, como os da Gave e outros, a jantar cá na vila e lhe dessem a conta.

* * *

Melgacenses, pela nossa Pátria, grande como a recebemos, pela paz, pelo ordem, respeito de todos e progresso! Contra a desordem, a anarquia, o comunismo! Todos! Se és estrangeiro, fica em tua casa!

protecção de cada vez maior a que têm direito os trabalhadores rurais que carecem de muito amparo e compreensão e que, em boa hora, começaram a ser abrangidos pela previdência e abono de família. O avanço neste campo é o voto sincero que deixo e por que sempre pugnaremos, por todas as razões, sem esquecer uma que também importa considerar e que é a sangria que se verifica provocada pela emigração de tantos que lá fora, no estrangeiro, tantas vezes em precárias condições, procuram uma melhor remuneração para o seu trabalho e garantias que aqui não lhes eram possíveis; e amealhar, promovendo um futuro mais promissor para os seus. Temos de criar compensações económicas e sociais vantajosas a fim de que o emigrante encontre na sua Pátria o que busca lá fora.

A insatisfação construtiva que nos anima é a certeza de que levaremos os nossos esforços sempre mais além com os olhos postos na legítima ambição de procurarmos criar mais e sempre melhor para o interesse nacional.

Aqui estamos, aqui estou, com o desejo último de servir a Nação e o nosso distrito, não para prometer coisas, mas sim para afirmar que temos esperança de podermos apresentar, se merecermos a confiança dos eleitores deste círculo, os seus problemas, nomeadamente aqueles e muitos são, que se ligam à Lavoura e à Indústria.

Tenho ideias sobre muitos, outros conhecerei pior, mas estaremos sempre atentos e abertos, como representantes

Eleições...

(Continuação da 1.ª página)

mental apostólica e de caridade. Por isso, a Igreja é independente dos poderes deste mundo. Mas, como a Igreja vive neste mundo e partilha as suas vicissitudes, deve actuar no mundo como fermento e iluminar as consciências despertando-as para os valores e significado transcendente da vida dos homens.

— Estou na mesma: explique lá isso melhor!

— Querem os senhores bispos dizer que os católicos devem actuar, na sociedade em que vivem, de acordo com a sua consciência esclarecida pelo Evangelho.

— Mas o ponto é que, quando se trata de eleições, tanto uns como os outros, falam do Evangelho e até o citam...

— Ora é aí que é preciso estar alerta. Por isso, dizem muito bem os senhores bispos:

Pergunta indiscreta à saída do Teatro

— Oh! compadre, pergunta o S. S. S. com sorriso malicioso a bailar a sombra de um bigode farto: quem lhe arrancou o rabo?

— Olhe, compadre «Banito», não sei responder-lhe. Seriam os «garotos do P.º Carlos»? Como sabe, *pardal* em mãos de rapaz é quase como rato em garras de gato.

do distrito, a estudar em conjunto com os diferentes sectores todos os problemas, sendo porta-voz das soluções equilibradas e justas que a colectividade digam respeito. E esperamos ver de cada vez mais as actividades basilares do distrito engrandecidas e prestigiadas. E temos por basililar, imprescindível — alicerces fundamental sobre o qual se erguerá o desenvolvimento regional — a educação e instrução profissional. Só queremos fazer a afirmação. Espero em Deus que para o futuro fiquem os actos.

Mas aqui estou, pensando como penso, com as limitações que me conheço e que conscientemente me fizeram hesitar imenso na aceitação desta candidatura, sabendo, ao mesmo tempo, que sendo o homem um ser imperfeito, é capaz de valorizar o País, quando a sinceridade, o espírito de sacrifício e o sentido do dever nacional o inspiram e o norteiam. Senhoras, Senhores, estamos aqui para comprovar as nossas certezas. O que há a fazer e é muito, é encargo de todos, da Nação unida, sem cedências, nem abdicções.

A este distrito onde nasci e me criei, onde posso acariciar as pedras velhinhas que os meus maiores há séculos ergueram, onde quero continuar a trabalhar as terras que eles me legaram e a que me ligam laços indestrutíveis de afeição, onde quero que os meus filhos desenvolvam as raízes que são fonte de vida, apresento o meu nome, conscio das responsabilidades que sobre mim recaem, para defender, na medida das minhas possibilidades, os seus legítimos interesses e anseios.

«No caso de se afrontarem opções diversas ou até contrárias que não ponham em causa os princípios cristãos, a ninguém é lícito reivindicar em favor exclusivo da sua opção a autoridade da Igreja».

— Então já sei o que hei-de responder a um sujeito que me dizia assim, um dia destes: «— Tu queres saber de que lado está a Igreja?! Olha aqui para este comunicado e vê como até cá traz as palavras de João XXIII e de Paulo VI!»

— Ele disse-te isso?!
— Disse. E a verdade é que vinham lá escarranchadinhas algumas frases desses dois papas!

— Nesse caso, já tu vês como é possível a qualquer partido ou facção enganar os incautos, escudando-se até com as coisas mais santas e respeitáveis... O que é preciso é estar atento, procurar conhecer os programas de actuação pública e as garantias que se dão de cumprir as promessas feitas.

— A gente vê tantos enganos, compadre, que o melhor ainda é um homem ficar desencanadinho em sua casa e não se meter em baralhadas...

— Estás enganado! Ouve o que dizem aqui os senhores bispos, quando falam na responsabilidade dos leigos e na obrigação de se regerem sempre por uma consciência rectamente formada à luz do Evangelho e do Magistério da Igreja: «A aplicação destes princípios tem particular importância no momento em que vivemos, em que os cristãos são chamados a cumprir o dever cívico de votar. É tão grave alguém eximir-se ao cumprimento deste dever como votar levianamente».

— Quer dizer que temos mesmo de ir votar!

— Isso mesmo! E reparar bem naqueles a quem damos o voto!

UMA BELA NOTÍCIA para os nossos lavradores

O Sr. Delegado da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, dirigiu a 4/10/1969 ao Sr. Professor Ascensão Afonso, digno Presidente do Grémio da Lavoura de Melgaço o seguinte telegrama: — *Informe V. Ex.º que a partir desta data, foi autorizado peso mínimo abate 45 quilogramas nas raças Barrosã, Minhota e Arouquesa. Melhores cumprimentos.*

Costa Ramos

Delegado Junta P. Pecuários

Enfim! Ai temos uma bela notícia para aqueles que vivem da terra e a ela damos os nossos suores. Foram muitos os trabalhos e as cansaças, para se conseguir esta solução. Veio por fim. Aos Srs. Presidente da Câmara e Professor Ascensão Afonso, que foram os grandes paladinos desta batalha, os nossos parabéns.

Dr. Luis Domingues
CLINICA MÉDICA

Rua Formosa, 253 - 2.º - Dt.º
Tel. 29415 **PORTO**

Carta Aberta

ao Sr. Dr. António José Rodrigues

(Continuação da 4.ª página)

culpado. Não me pediu para ficar no anonimato. E fez bem. Dignificou-se. O anonimato é a posição cómoda e barata dos que não querem assumir a responsabilidade dos seus actos; é uma posição de covardia, de vileza.

Ora não o deixei no anonimato, porque não é nem covarde, nem vilão. Quem sai aos seus não degenera. Nisto não há ofensa, há respeito pela sua pessoa, pelo seu bom nome, pela sua dignidade, numa palavra, pela sua verticalidade.

E nada tem que me agradecer, porque só lhe fiz justiça. Eu não o magoei.

A sua opinião pessoal nos comentários, não me interessa. É uma opinião pessoal... Neste ponto estamos em desacordo.

Fico por aqui.

Há situações que nos prendem, e que é preciso respeitar. Sim, é preciso respeitar.

Se os amigos nos merecem consideração, estima, respeito, igual tratamento, pelo menos, não deve merecer a família da nossa família.

Cumprimentos para a sua Ex.^{ma} Família, que considero, estimo, respeito: a de Castro, a de Prado e de Paderne, esta constituída pelo seu irmão — meu cunhado — e sua cunhada — minha irmã.

Um abraço para Si, com os votos de muitas felicidades do

ANTÓNIO RODRIGUES

P. S. — Desejava que o meu amigo, por favor, informasse o sr. Dr. Sidónio, Director do Colégio, onde lecciona, que é pueril, repare bem, pueril, pretender a harmonia ou ter «nitida intenção de deitar «água na fervura», e falar em documento comprometedor. Como conciliar harmonia e documento comprometedor? Impossível.

Falar em documento comprometedor é deitar achas em fogueira acesa.

Diga-lhe que trate melhor a Língua, que anda, ou faz andar, à deriva.

Será por ser lógica «espanhola»? Sim, porque, o sr. Dr. Sidónio, segundo consta, estudou filosofia em Espanha, onde se formou, com certeza, por ser mais fácil que em Portugal.

Sr. Dr. Artur, muito obrigado.

A. RODRIGUES

De ROUÇAS Sociedade

(Atrasada na Redacção)

No passado dia 14, realizou-se na nossa igreja paroquial a comunhão das crianças, num total de oitenta, tendo sido preparadas, durante cerca de dois meses, nos centros de Cavaleiros, Santa Rita e paroquial. A festa decorreu com o brilho possível, tendo-se abeirado da sagrada mesa, muitos pais.

No dia seguinte, foram em passeio ao Barral, Ponte da Barca, terra onde apareceu Nossa Senhora, antes de Fátima. Foram duas camionetas da Auto-Viação Melgaço. O nosso pároco celebrou ali a santa missa e todos puderam assim tomar parte na inauguração da capela-monumento em honra de N. Senhora da Paz.

— Partem brevemente para Roma os nossos amigos Srs. Padres Carlos Nuno e António Esteves, desta freguesia.

— No dia 13, foi baptizada uma menina, filha do nosso estimado amigo, Sr. Manuel Fernandes e de sua esposa Sr.ª Margarida Rodrigues, dos Perses. A menina foi posto o nome de Maria Teresa. Foram padrinhos, os nossos bons amigos, Srs. António Rodrigues e Maria Esteves, também dos Perses.

— E no dia 20, um menino, filho dos nossos amigos Srs. José António Afonso e de sua Esposa, Sr.ª Isaura da Costa, de Surribas. Foram padrinhos o nosso querido Amigo, Sr. Alfredo Eurico de Magalhães Barros, estimado funcionário do Notariado de Melgaço e a menina Ana Maria Afonso, tia do neófito. Aos dois recém-baptizados, uma vida cheia de bênçãos de Deus, em cuja família foram admitidos.

Para França, retiraram há dias, os Srs. António Manuel Alves e filho, António. Que logo regressem ao nosso convívio.

Parada do Monte

Mês do Rosário — Principiou o mês do Rosário, com a Igreja cheia de gente. O bom tempo muito tem contribuído para que a gente se levante cedo para ir à Igreja render culto a Nossa Senhora do Rosário.

Nascimento — Deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª Rosa Pires, esposa do sr. José Martins, do lugar de Cortegada.

Viajantes — Vindos de França, chegaram a esta freguesia os srs. Justino Pires, José Esteves Lata, Manuel Lima Vaz, Manuel Esteves, Caetano Rodrigues, Justino Pi-

Aniversários

Fazem anos — Amanhã: o menino Francisco Carlos Rodrigues; Dia 17: Padre Manuel Lourenço; Dia 18: D. Julieta da Conceição Costa Braga e José Evangelista Pereira; Dia 20: D. Idalina Palmira Domingues Vieites e a menina Maria Fernanda Pereira de Castro; Dia 21: a menina Rosário da Conceição Colmeiro Pato e o menino Manuel Alberto Gomes de Sousa; Dia 22: D. Maria de la Salette Costa Alves; Dia 23: D. Maria Augusta de Castro Gomes; Dia 24: D. Anésia Esteves da Cunha e a menina Maria Susete Fernandes; Dia 26: Aurelio Augusto Domingues; Dia 29: Manuel António Marques, Vasco do Nascimento de Sousa Pinto e Manuel Henrique Alves Morais; Dia 30: D. Maria Helena da Rocha Fernandes Pinto Lares; Dia 31: Padre Albertino Pereira e D. Elisa Pinto Ribeiro.

Falta de educação...

No dia 23 p. p., um indivíduo de muito respeito e educação, entrou num estabelecimento desta vila, e pediu o artigo que desejava, sendo atendido pelo patrão do referido estabelecimento, mas no momento em que o cliente pagava, o proprietário acabou por o atender com modos estúpidos e malcriadez.

E como a nosso ver, na ocasião talvez houvesse «excesso de álcool» — que deveria ser o mais certo — avisamos esse senhor, para que não continue com a sua maneira de estupidez a atender clientes, pois na próxima o caso será mais sério do que ele pensa. Não se admite...

Quem não é digno de estar à frente dum estabelecimento, ou não tem educação suficiente, fecha a porta, ou sujeita-se a ir para a cadeia ou para um manicópio.

Sem comentários. Ficamos por aqui.

N. S.

res, Manuel Domingues, Ma-Pires, Manuel Domingues, Manuel Pereira e José Augusto Pereira. Partida para França: o sr. Ermindo Gonçalves, esposa e filhos, Rosa Conceição Alves, Germano Alves e António Alves.

O tempo e a agricultura — Principiam as vindimas. Os nossos lavradores queixam-se de que seca o vinho nas latas. A chuva no S. João tosse o vinho e não dá pão, e o S. João foi chuvoso e frio. — C.

Missões

O próximo domingo é dedicado às Missões e em todas as igrejas haverá pedtório para elas.

Temos de ajudá-las. E por elas que ajudamos o Senhor Jesus. Não fales de esmolas. É uma lembrança que vamos dar ao Senhor Jesus para a Sua obra das Missões, em dinheiro.

Rezemos, por elas e ajudemo-las. E alto serviço de Deus. Não fique ninguém sem dar a sua oferta.

NOSSA SENHORA

PROTEGE OS QUE REZAM O TERÇO

«Ao ler na Cruzada do passado mês de Outubro (págs. 154-156) o artigo «Ainda não morreu nenhum Soldado que rezasse o terço todos os dias», que muito me impressionou e edificou, lembrei-me especialmente dum caso concreto passado comigo, que confirma uma vez mais a verdade de tal afirmação:

Era Outubro de 1965. Estando com o meu pelotão destacado na Missão de Nongololo (Mueda — Moçambique) a fim de protegê-la contra as investidas subversivas (pois tinha sido abandonada pelos Missionários cerca de um ano antes, devido à ameaça terrorista), tomei a iniciativa de rezar o terço diariamente com a participação da maioria dos militares, primeiro na igreja, diante do altar-mor, e mais tarde, perante a imagem formosa de Nossa Senhora de Fátima, instalada numa das camaratas mais espaçosas.

Eu mesmo dirigia o terço, em frente dessa tão linda Senhora do Rosário, ornamentada com velas e bonitas flores. Juntávamo-nos quase todos à noite para louvar a Mãe de Deus e suplicar-lhe protecção e paz.

Na véspera do dia 20 de Dezembro também rezámos fervorosamente o terço, e parece-me que mais animados do que nunca, como se presentíssemos o grande perigo iminente.

Com efeito, na manhã do dia seguinte, pelas seis horas, fomos todos despertados e sobressaltados com uma tremenda explosão, que destruiu parte da camarata, onde eu dormia com mais dois furréis, levando o telhado quase todo pelos ares. De um salto, pusemo-nos logo todos ao ataque, que éramos então bem poucos, sem sequer nos lembrarmos ou

Casamento Elegante

No Palácio de «Selaiss», em Sintra, realizou-se há dias o enlace matrimonial do sr. dr. António Manuel Pinto do Amaral Coutinho, distinto médico em serviço na Junta de Energia Nuclear em Lisboa, filho do sr. Armando Tavares Coutinho e da sr.ª D. Maria de Nazaré Pinto do Amaral Coutinho, com a gentil menina Maria Teresa Pires Domingues, aluna do 4.º ano de Engenharia Química, do Instituto Superior Técnico, filha dos nossos conterrâneos sr. José Bruno Domingues, conceituado comerciante e armazemista em Lisboa e da sr.ª D. Carlinda Sílvia Pires Domingues.

Foram padrinhos por parte do noivo o sr. dr. António Pinto do Amaral, distinto médico cirurgião e sua esposa sr.ª D. Maria Eugénia Branco Pinto do Amaral, e por parte da noiva o sr. Engenheiro José Pedro Martins e sua esposa sr.ª D. Maria Helena Guimarães da Fonseca Martins.

No fim das cerimónias, que se revestiram da maior suntuosidade, foi servido no Salão Nobre do referido Palácio, um lauto almoço a inúmeros convidados, tendo-se brindado pela felicidade do gentil casal.

Aos noivos, que são dotados das melhores qualidades e simpatia e que seguiram em viagem de núpcias para diversos países da Europa, desejamos as maiores felicidades e uma perene lua de mel.

A. L. P.

termos tempo para nos vestir. Eu agarrei-me logo ao morteiro, que foi a nossa principal arma de defesa, pois até a «breda» encravou.

Os rebentamentos inimigos perseguiram, inexoráveis e constantes, durante uma boa meia-hora; acompanhados de intensa metralha, numa chuva de balas e estilhaços por todos os lados. Por fim, os bandoleiros puseram-se em debandada. Todos nós respirámos fundo de alívio, recessos, porém, que houvesse bastantes feridos e alguns mortos do nosso lado, tal a violência e intensidade do ataque, deveras inesperado, que nos deixou profundamente abalados, e as casas assaz destruídas...

Uma vez mantida a segurança, tivemos logo a preocupação de procurar e socorrer os possíveis feridos, nossos camaradas. Qual não foi, porém, a nossa surpresa e espanto, trespassados de uma enorme satisfação e indizível alegria, ao verificarmos que não havia entre todos sequer uma única beliscadura, o menor ferimento... Os terroristas retiraram com vários mortos e alguns feridos.

Estou convencido que ninguém se esqueceu então de ir agradecer à Mãe de Deus, Nossa Senhora do Rosário de Fátima, tão oportuno e visível socorro maternal, considerado por todos autêntico milagre, certamente em atenção misericordiosa à recitação do terço. Até um soldado, que sempre se recusava a rezar o terço connosco, foi visto de joelhos em oração com as lágrimas nos olhos, após o ataque.

Tinham vindo — soubemos depois — vários grupos de terroristas para atacar Nangololo, os quais pretendiam invadir a Missão e matar-nos a todos, levando as armas e munições. Só granadas de «bazuca» lançadas pelos «turras» foram quarenta, pelo menos. Atacaram de dois lados em bons abrigos. Louvada seja a Senhora do Rosário, que é também a Senhora das Vitórias!

Esta imagem milagrosa da Virgem de Fátima veio connosco para Montepuez, e de lá, com autorização, para Vila Coutinho, tendo ficado entronizada na Igreja desta paróquia, dirigida agora pelo Rev. Padre Manuel Pereira, digno sobrinho da vidente de Fátima, Lúcia. Do seu altar, e do Céu, vai abençoando assim esta próspera terra, garantindo-lhe a paz e protegendo todos os soldados que lhe guardam filial devoção.

A conclusão é esta: Nossa Senhora defendeu dos perigos estes soldados, como protege sempre os que rezam todos os dias o terço.

O terço é a melhor arma para nos defendermos contra os inimigos da nossa alma e do corpo.

CRUZADA, Maio de 1969

Santa Rita

A partir do dia 15 de Outubro, a santa missa em Santa Rita será às 10,30 horas.
Rouças, Melgaço, 1 de Outubro de 1969.

Padre CARLOS

Vinho do Porto! Delícia de Portugal
Vinho do Porto **BARROS**
DELICIA DO VINHO DO PORTO
Lágrima Cristi Barros

EM FRANÇA
O MAIS PREFERIDO

Compre **BARROS**
Ofereça **BARROS**
Beba **BARROS**
QUE É O MELHOR

CARTA DE LONDRES

O Canto dos Oradores

NÃO é possível falar nem ouvir falar de liberdade sem se pensar na França; não é que a França seja o país da liberdade por excelência (não longe disso), mas é porque o século XVIII, conhecido por «Século das Luzes», foi ela a primeira a gerar os precursores da liberdade. Precursores, entre os quais se destacam: Rousseau, Voltaire e Montesquieu, cujas ideias e teorias passaram aos actos no dia 14 de Julho de 1789, dia da tomada da prisão da Bastilha que ficou gravado para sempre na memória dos franceses. Tanto é que todos os anos, nesse dia, o povo francês manifesta-se profundamente — gritando, cantando e dançando nas suas, até de madrugada — o estado de alma de um povo que se considera livre... De facto, apesar de terem gravado: Liberdade, Fraternidade e Igualdade, como se fossem as três pessoas da Santíssima Trindade, nas escolas e nos edifícios públicos, os franceses sentem-se mais livres do que são; e não estou longe de pensar que a liberdade que eles julgam possuir é mais uma impressão do que uma realidade.

Creio que só há um lugar no mundo onde a liberdade deixou de ser uma simples impressão para se tornar uma pura realidade. Esse lugar é na Inglaterra, em Londres, no Hyde Park, e, mais exactamente, num sítio conhecido por «Canto dos Oradores», situado onde se levanta o Arco de Mármore e começa a rua de Oxford.

O Canto dos Oradores no Hyde Parque é célebre em todo o mundo como uma das mais pitorescas, mas simbólicas manifestações do espírito inglês no campo da liberdade de expressão do pensamento.

E como é que o inglês manifesta esse espírito de liberdade? Pois bem, um homem ou uma mulher, um branco ou um preto, chega e principia a falar, a dizer coisas... Uma pessoa, duas pessoas passam, ouvem e param; atrás destas, vêm outras, e assim como uma bola de neve que quanto mais rola, maior fica, um grupúsculo de pessoas torna-se um grupão, à volta do orador; Até que ponto; abre-se o comício e começa a exposição de boas opiniões ou de parvoíces, de brilhantes asserções ou de rematados disparates. Os faladores abundam. A uns basta-lhes abrir a boca e deixar-se rodear de quem quer ouvir; outros, ou por serem de pequena estatura ou por quererem tornar-se visíveis à distância pelo auditório, necessitam de um púlpito; então sobem para um caixote grosseiro, um baixo escadote ou para uma velha cadeira que trouxeram propositadamente. Os temas sobre os quais eles falam são tão numerosos como eles; não falta nada; há de tudo: desde o orador católico ao protestante, desde o revoltado político ao sonhador filosófico, desde o homem embriagado ao cavalheiro culto, desde a mulherzita irlandesa que mais grita do que fala ao sacerdote ou a senhora apostólica, anunciadora da vida do Céu; desde o negro ao árabe, desde o cantor religioso acompanhado em coro por quem quer que se junte ou grupo até ao núcleo de alegres rapazes e raparigas que entoam e desentoadam canções das fitas ou das peças mais em voga; e não deixamos de lado o propagandista, o fanático político ou religioso que, armado em profeta com as tábuas da lei, surge vestido com um enorme cartaz, em forma de casula, escrito pela frente e por trás.

Aqui fala-se, canta-se, grita-se e gesticula-se. Aqui não há o menor acanhamento na exposição das ideias: diz-se tudo quanto se quer, se sente e se pensa... Atacam-se ou defendem-se religiões, políticas, filosofias, e até doutrinas científicas; preconizam-se ideias; vomitam-se palavras a respeito dos mais transcendentes problemas da existência do espírito, da alma, ou gritam-se protestos contra injustiças sociais.

Uma das coisas que mais impressionam o observador é que os oradores falam durante horas sem escrito, estando porém longe de parecerem papagaãos, a repetir o que lhes ensinaram, ou alunos do 2.º ano, a recitar uma quadra aprendida no livro da «História Pátria»; eles mostram-se documentados; conhecem o assunto; sentem-no e vivem-no. Tanto é que, sem perder o fio à meada, são capazes de o interromper, de espaço a espaço para convidar ou desafiar a assistência, a dirigir-lhes perguntas; coisa que eles praticamente não têm necessidade de fazer, pois os conceitos e as opiniões são tantas que há sempre uma grande quantidade de discordantes que não lhes deixam passar nada e os interpelam, bombardeando-os com perguntas e comentários; e além destes há ainda os implicadores que os interrompem a cada passo com piadas.

Evidentemente, a interpelação é muito variável, tão variável como a quantidade de ouvintes que os rodeiam; pode ir, desde o comentário sereno, desde o «Escute meu amigo» ou «Olhe meu amigo» ao insulto mais violento; mas nunca dá para uma cena de murros. A luta é ideológica, portanto é no campo da força ideológica, no campo das ideias que eles devem lutar, e não no campo da força física que é o da fraqueza ao qual recorrem aqueles que no campo ideológico depressa ficam com a cartucheira vazia. O inglês é diferente do português, tão diferente como o sol que os aquece. Contrário do português, a discordância é para ele um desporto, uma necessidade, pois ela permite-lhes fazer uma espécie de exercício do cérebro que corresponde a um espreguiçar e expandir dos nervos mentais. «O canto do Arco de Mármore é um campo de desportivismo mental, para futebol dialético...» como diz o Prof. Vasco Botelho de Amaral.

Londres, 2 de Setembro de 1969.

MANUEL ALVES

O Santo da Quinzena

S. Rafael
Arcanjo

Dentre os anjos que conformem narra a S. Escritura, se revelaram aos homens como mensageiros de Deus e executores dos seus desígnios, destaca-se o glorioso S. Rafael como tendo-se servido de forma e aparência humanas. A sua missão principal no mundo foi de guia de homens, amparo e defesa contra todos os males corporais e espirituais que os possam ameaçar. Assim foi que se apresentou, para servir de guia ao jovem Tobias, ao país dos Medas!

Depois de o pai de Tobias ter passado grande sofrimento no cativo de Babilónia, pôde regressar para sua terra com sua família. Como se encontrasse velho e cego, chamou um dia seu filho a fim de lhe dar conselhos para a sua vida; exortando-o a viver sempre no temor de Deus, e disse: «Pede sempre o conselho ao prudente. Bendize a Deus em todo o tempo e pede-lhe que dirija os teus passos, e que todos os teus projectos se firmem nele. Também te faço saber, meu filho, que quando ainda eras criança, emprestei dez talentos de prata a Gabelo, em Ragés, cidade dos Medos, e que tenho em meu poder o seu recibo; por isso busca meio de o encontrar e cobrar dele o dinheiro, entregando-lhe o seu recibo. Não temas, meu filho, é verdade que vivemos pobres, mas temos muitos bens se temermos a Deus, e nos desviarmos de todo o pecado e procedermos bem!». Tobias respondeu: «Meu pai, farei tudo o que me mandaste. Mas não sei como o farei, porque nem ele me conhece, nem eu o conheço a ele!». «Com o recibo, busca um homem fiel que vá contigo, pagando-lhe o seu trabalho, para poderes receber o dinheiro enquanto eu estou vivo».

ENCONTRO DO ANJO RAFAEL

Então, tendo Tobias saído de casa, encontrou um jovem de belo aspecto e preparado para viajar. E não sabendo que era um anjo de Deus, saudou-o, dizendo: «Donde és tu, ó bom jovem? Eu sou dos filhos de Israel. Conheces o caminho que conduz à terra dos Medos?». «Conheço, e tenho percorrido muitas vezes esses caminhos, e tenho estado em casa de Gabelo!». Tobias disse-lhe: «Suplico-te que esperes por mim! porque vou avisar meu pai!». Quando o pai de Tobias quis saber o nome daquele jovem, ele, o anjo, ocultou o seu nome. Então disse: «Fazei boa jornada e Deus seja convosco no vosso caminho e o seu anjo vos conduza». Partiu pois Tobias, e o cão seguiu-os e pararam na primeira pousada junto do rio Tigre. Estava a lavar os pés, quando se aproxima dele um peixe monstruoso que o queria engolir; gritou pelo companheiro, ao que lhe respondeu: «Puxa-o pelas guelras para fora, tira-lhe o coração, o fel e o fígado, porque te fará não falta mais tarde!». Depois seguiram viagem e o anjo ensinou-lhe a casa de uma sua

"CONHEÇA MELGAÇO"

III — PARADA DO MONTE

Freguesia do concelho de Melgaço, ao sul, confinando do norte com o rio Mouro, sul com o concelho de Arcos de Valdevez, nascente com Lamas de Mouro e do poente com a Gave. Tem parte cultivável junto do rio Mouro e interior e a outra parte é montanhosa. Tem cerca de 1.000 habitantes em 392 fogos. Dista da sede do concelho 15 quilómetros. Tem escolas, correio e telefone. Foi vigairaria da apresentação do Reitor de Riba de Mouro. Pertenceu ao concelho de Valadares até 24 de Outubro de 1855. Fazem parte desta freguesia os lugares de Aldeia Grande, Carrascal, Casal, Chão do Bezerro, Cortegada, Coto do Paço, Coto Santo, Fitouro, Lagarteira, Mourim, Paço, Pereiral, Tablado, Trigueira e Travassos. O seu orago é S. Mamede, festejado todos os anos. Em Vale de Poldros, limite desta freguesia, houve antigamente um Couto, que marcou e defendeu Paio Rodrigues de Araújo, de Valadares. Nesta freguesia fazia-se outrora o melhor burel da região, feito de lã de ovelhas galegas. Nos seus montes

do Mourim, hoje florestados em parte, havia muita caça e até veados e corças. Produz milho, vinho, batata e centeio. Fabricava-se boa manteiga caseira. Não tem estrada que a ligue à sede do concelho e não está electrificada. Os seus lugares precisam de bons fontanários para acompanhar o progresso actual. Os seus habitantes emigram para França, onde vão juntar dinheiro para reconstruírem e fazerem novas casas e aumentarem os seus haveres. É pároco desta freguesia o rev.º P.º António Domingues, modelar sacerdote e filho da terra. Este bondoso sacerdote mandou reconstruir a igreja e tem sido grande pugnador pelo progresso da sua freguesia, onde todos os habitantes o estimam e são seus amigos.

(Continua)

"A Voz de Melgaço," em 1946

I

Na Rússia, o ditador vive num dos mais sumptuosos palácios que o Mundo possui, o Kremlin... Talvez por espírito de igualdade... Uma pergunta inocente: poderão dizer-nos se a fera que estabeleceu essa cortina de ferro, numa Europa arrasada, é positivamente «igual» àqueles milhões de servos que trabalham a terra e aos que morrem trágicamente nos famosos campos de concentração?

II

Outra pergunta inocente: Porque será que em muitos países se reconhece aos operários o direito à greve e na Rússia, as não podem fazer?

III

Pelo chefe do Posto da P.I.D.E. do Peso foi entregue na Secretaria da Santa Casa a importância de 2090\$00 que sua Ex.ª o Director da mesma Polícia mandou entregar e que foi produto das autorizações de passagem da fronteira para assistir à festa de Arbo (Espanha). Ao Senhor Director da P.I.D.E. e ao seu agente no Peso, os agradecimentos da Mesa Administrativa da Sta Casa da Misericórdia de Melgaço.

(Continua)

Manuel Vicente Coelho
IGREJA — ROUÇAS — MELGAÇO
TEL. 42272

Nas FESTAS, encarrega-se de: Serviço de alti-falantes; primorosas instalações eléctricas; todas as ornamentações dos templos; figuras dos e andores.

E tudo mais barato que os outros!
Consulte-nos e preferir-nos-á

Agência de Viagens "RUMO,"
PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS
Bilhetes de Combóio a preços reduzidos para trabalhadores e familiares
Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA
TELEPHONE, 42278 — MELGAÇO

PONTOS DE VISTA

Pelo Dr. Abel Varela e Seixas

DURANTE a longa vigência dos Governos de Salazar, sempre que houvesse marés vivas de agitação política por motivos eleitorais ou outros semelhantes e até de menos repercussão, uma das teclas que fortemente se batia era a da abolição, pura e simples, da censura à imprensa.

Afastado este por imperativos naturais da vida, com o mesmo problema que não é pequeno, se vê a braços o actual Senhor Presidente do Conselho. Aliás, Sua Excelência, com a clareza que lhe é peculiar, já deu resposta ao assunto numa das suas sempre tão desejadas conversas ao serão, mostrando a sua opinião, com a qual estamos inteiramente de acordo por certa, racional e lógica.

Que se se impõe a criação duma nova «Lei de Imprensa», que regule, conceda certos direitos e imponha seriedade e honestidade sob penas graves a sofrer, ninguém também o contesta.

Mas há óbices. A situação de quem escreve — e não nos referimos aos dignos profissionais — reveste-se duma delicadeza que não se pode engeitar, muito menos esquecer. Dizem para aí, para esses nossos lados, que não se devem atirar pedras, dado que uma pedra fora da mão é, por vezes, peor que um tiro.

Parece que ninguém deixa de verificar que as malhas da rede para a palavra escrita, estão um pouco mais largas, como que a tentarem uma experiência, ensaiando passos. Pois é o bastante para aparecerem focos de agitação, insultos pessoais, atitudes vexatórias para seres humanos, do que nada resulta de útil ou benéfico, antes se ateiam labaredas de ódios e inconformismos.

Ora quem escreve, como a própria publicação onde o faz, devem ter um carácter fixo na sua maneira de doutrinar e orientar, alijando o que é mau, prepotência e maldade, com um sentido directamente humanístico, jamais visando o homem, directa e frontal, que não interessa para a doutrinação que se pretende. O geral, com utilidade para o mesmo, dirigindo-se por dever à multidão, ao meio maior ou menor, é que consubstancia a virtude

destas tribunas donde se perora e pretende doutrinar.

Temos de evitar a queda no panfletarismo da era de dez e vinte, quando, rapaz dos primeiros anos do liceu e com outros nos entreteínhamos a ler os insultos que num jornal e noutro, se mimoseavam mutuamente aqueles que dum lado eram «republicanos» e do outro «talassas»; livres-pensadores e católicos; etc. Na capital do nosso distrito, por infelicidade nossa, havia abundância dessa «literatura» e até é por ele, que nos abstemos de citar, mas que há decerto leitores que dela se lembram...

De resto, e é outro ponto a focar, não se fazem ou improvisam jornalistas ou escritores; é dom de nascença, como outros e quem os dera!

Pois, por isso e mais alguma coisa, parece-nos que a «censura» não pode ainda ser abolida pura e simplesmente, sob pena de queda no caos e na anarquia revolta do insulto pessoal. Ousamos pedir mesmo aos responsáveis por ela, e nestes casos, mais severidade. Os frutos, não parecem suficientemente amadurecidos.

Discutir, discordar, reponar; perfeitamente. Temo-lo feito inúmeras vezes ao longo de quasi quarenta anos e no campo regionalista; nunca nos demos mal por isso. Os mais novos não se lembram do que foi a tal «liberdade», quando a havia — segundo afirmam — mas que não se sabia onde terminava, para começar a dos outros. São capazes até de não acreditar mas, seja como for, essa época não pode voltar, já porque, modernamente e à luz de elementar educação, interessa a generalidade e não o homem, sujeito a errar como todos, pela própria essência de ser humano, que é.

E quem há que tenha a mão isenta de pecado?

Pela Câmara Municipal

Em 29 de Setembro último deslocou-se a Lisboa o Presidente da Câmara para tratar de vários assuntos na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos e na Direcção do Ciclo Preparatório.

Naquela Direcção-Geral foi informado que o projecto de electrificação de Paderne e parte de S. Paio tinha sido distribuído com vista à comparticipação.

Conta-se que venha a ser comparticipado no corrente ano.

Tratou ainda dos problemas da electrificação dos lugares de Alempassa, em Penso; Campo do Souto e Roçadas, em Crisóval; Lobiô, em Rouças; Cavaleiro Alvo, em S. Paio; Bouça Nova, Buraco, Trás do Coto, Bouços e Raposos, em Prado; e ainda de 20 lugares em Rouças, estando a maior parte destes incluídos no projecto que se recebeu e seguiu para Lisboa posteriormente e que abaixo se refere.

Espera-se que a Empresa elabore os respectivos projectos, como já lhe foi pedido, para, depois, a referida Direcção-Geral tratar da sua comparticipação, como prometeu naquela reunião de 29 de Setembro.

Podemos informar que o projecto de electrificação de Rouças e da parte restante de S. Paio, já foi remetido pela Câmara para Lisboa, com o pedido de comparticipação, no fim de Setembro último.

Oxalá que se possa dar logo a notícia de ter sido concedida a respectiva comparticipação.

Vai ser adjudicada ao empreiteiro JOSINO DA COSTA MOREIRA, por 335.000\$00, a remodelação dos Antigos Paços do Concelho, para ali funcionar, como já se disse, um museu, uma biblioteca e outros Serviços.

Sobre o Ciclo Preparatório, sabemos que há boas notícias. Damos os nossos parabéns ao Sr. Presidente da Câmara, que o mesmo é dá-los a todo o concelho.

Oito sacerdotes em 25 anos

Do diário «Novidades», Lisboa, de 4-10-69

Foi no dia 5 de Setembro, no Santuário Mariano da Senhora da Peneda. O Padre Carlos Vaz, pároco da freguesia de Rouças, Melgaço, fazia os seus sessenta anos de idade. E ali foi com oito sacerdotes, sete da sua freguesia de Rouças e um duma freguesia vizinha, mas que principiara também a sua formação naquela e todos a começaram e terminaram no seu tempo de pároco. Vinte e cinco anos de pároco e oito sacerdotes. Pois ali estavam todos e mais três seminaristas, um deles no 2.º ano de Teologia de Braga e todos também da mesma freguesia de Rouças.

Desses oito, dois estão em Roma a formar-se, defendendo tese neste ano lectivo em curso, um deles; um, no Seminário de Teologia de Braga, como prefeito e professor; um no «Diário do Minho», como administrador; um, provedor do hos-

pital de Monção; e os restantes dedicam-se à vida paroquial.

Dois deles são sobrinhos dos srs. Cônegos Luis Vaz, e Padres Júlio Vaz e Carlos Vaz, aqueles, director e chefe de Redacção do mesmo «Diário do Minho». Um deles cantou a sua missa nova em Agosto passado, tem várias composições musicais que o povo já canta e o coro executou uma composição musical a três vezes da sua autoria, no dia da sua missa nova.

O Padre Carlos Vaz, que leva 25 anos de pároco daquela freguesia, foi arcepeste do concelho e é provedor do hospital de Melgaço.

Com o seu trabalho e amigos, conseguiu duas amnistias, em que se salvaram milhares de portugueses; trouxe das cadeias de Espanha muitas dezenas de emigrantes ali retidos, quando se dirigiam clandesti-

Urge votar! E bem!

Numa nota do Episcopado — É tão grave não votar como votar levemente

O Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa da Metrópole, na sua reunião de 25 de Setembro de 1969, tendo em atenção o actual momento da vida portuguesa em que a expressão da vontade do povo é pedida sobre a condição dos seus destinos, julgou oportuno lembrar alguns pontos da doutrina da Igreja sobre a participação dos cidadãos na vida pública, inspirando-se em especial nos textos conciliares, nomeadamente das Constituições «Lumen Gentium» (n.º 30-38) e «Gaudium et Spes» (n.º 40-45).

1. A missão da igreja é essencialmente religiosa. Tem como finalidade a salvação dos homens, pela pregação evangélica, formação cristã dos fiéis e comunidades, e vida sacramental, apostólica e de caridade. A natureza desta finalidade e o universalismo desta missão dirigida a todos os homens exigem a independência da Igreja dos poderes deste mundo. Ela vive contudo neste mundo e caminha com ele, parilhando as suas vicissitudes, sofrendo as influências e nele actuando como fermento. Faz parte da sua missão contribuir eficazmente para o bem do mundo, pela iluminação e animação evangélica das consciências, promoção da dignidade humana e da justiça e harmonia social, e sensibilização aos valores e significado transcendente da vida dos homens. Esta missão da Igreja relativamente ao mundo, realiza-a ela fundamentalmente pela prossecução da sua finalidade religiosa de salvação; mas também, em medida e formas diversas, consoante as circunstâncias, necessidades e possibilidades, através de serviços e actividades sobreludo de assistência, promoção e educação.

2. No cumprimento desta missão, desempenham papel singular os leigos. Membros da Igreja inseridos por especial vocação nas realidades temporais, devem, não só dar o testemunho da sua fé, mas ainda procurar que essas realidades, autónomas na sua ordem, cresçam e respondam aos desígnios de Deus Criador e Redentor. No esforço em ordem a conseguir-lo devem reger-se sempre pela sua consciência rectamente formada à luz do Evangelho e do Magistério da Igreja. A aplicação destes princípios têm particular importância no momento em que vivemos, em que os cristãos são chamados a cumprir o dever cívico de votar. E tão grave alguém eximir-se ao cumprimento deste dever como votar levemente.

3. Ao dar o voto, é de elementar prudência procurar saber primeiro a quem se dá, quais as correntes de pensamento e programas de acção que o candidato defendeu ou a que está ligado, em que circunstâncias completas da vida nacional as eleições decorrerem, qual a evolução e continuidade da vida nacional que mais convém ao país. E se estão em jogo fidei ou satisfação de sentimentos ou ressentimentos nem sempre confissões superiores, então não é lícito sacrificá-los a interesses de parvas. No caso de se afrontarem opções diversas ou até contrárias que não ponham em causa os princípios cristãos, a ninguém é lícito reivindicar em favor da sua opção a autoridade da Igreja. Para além das divergências da opinião e das inevitáveis pugnas para as fazerem valer, procurem todos, num esforço de compreensão, diálogo e sentido de solidariedade nacional, salvaguardar os direitos da verdade, da justiça, da caridade e do bem comum. Aos sacerdotes se pede que no espírito desta Nota, exortem os fiéis ao consistente exercício dos seus direitos e deveres cívicos, e sejam promotores evangélicos do clima de paz e concórdia tão necessária nesta hora. E que ninguém estranhe que a Igreja peça aos seus padres, através da qual ela é vista e apreciada, uma acção nesta hora que traduza a sua própria independência e isenção políticas, aliás necessárias à sua melhor forma de servir o bem do povo.

namente para França; tem em construção, em Santa Rita, um Lar para 100 pobres da Arquidiocese, com estatutos já aprovados e em fase bastante adiantada (não teve qualquer participação) colocou na vida oficial muitos dos seus confrades; pôs a funcionar com a Mesa respectiva (é provedor do hospital de Melgaço) o Lar de São José (Asilo Pereira de Sousa), onde vivem 18 pobres diariamente. E sabemos que tem imenso desgosto, porque lhe prometeram participar em breve a construção de um novo hospital e uma medida ministerial, surgida após a compra dos terrenos, no valor de uns 250 000\$00, protelou, para data ainda não descortinada, essa obra, o que lhe traz um prejuízo de cerca de mil contos.

Pois oito sacerdotes, concelebrando com o Padre Carlos Vaz, no Alto Minho, numa terra a que alguns, teimosamente, chamam «Terra Fria».

Mês do Rosário

É para nós católicos um grande mês, este do Rosário. Em muitas igrejas da nossa terra já está a fazer-se a devoção, com bastante frequência de fiéis. Outros o farão depois, para mais comodidade destes.

É um dos meses dedicados à nossa Mãe do Céu. Fraco é o filho que não honra Sua Mãe. Amigo, vai à devoção do Mês do Rosário.

Má educação ou efeitos do álcool!...

Há dias, numa das melhores romarias do Alto Minho, envolveram-se em desordem dois indivíduos, chegando os mesmos a agredirem-se mutuamente, ao mesmo tempo que, descabidamente, proferiam expressões tremendamente contenciosas pela moral pública.

Tal facto não nos causou qualquer admiração, antes pelo contrário: o calor, a sede, foram razões mais que suficientes para que aqueles ilustres personagens se tivessem entregado sequiosamente à sua paixão favorita: dar lucro ao taberneiro...

Daf que, não é de estranhar que as cenas por nós verificadas, dolorosamente tristes, viessem a constituir um improvisado programa teatral do qual os mesmos eram protagonistas, desempenhando horrivelmente mal o papel exigido pela cena...

Tristes cenas exemplificativas de uma sociedade devassa.

Condenáveis em toda a acepção da palavra, mas sempre tristemente contínuas. Quando são profundas as raízes inclinativas para o álcool uma correção é sempre difícil, ainda mesmo que necessidade haja de uma intervenção policial ou autoridade competente.

Os males do álcool continuam, e continuarão a ser argumento principal para tão tristes cenas como as que insatisfatoriamente observámos. É triste, mas é realidade nua e crua.

A. F. P. A.

Los nossos estimados Assinantes

Pedimos a todos satisfeitos com as suas contas com o nosso jornal, pois, a partir de Novembro, vamos fazer a respectiva cobrança. Para nós, seria uma grande ajuda, trazerem-nos o dinheiro à nossa Administração, em Melgaço.

Esperamos que todos nos ajudem. Obrigado.

Padre CARLOS